

MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

VICTOR HUGO PONTES

A história, o trabalho e as múltiplas linguagens do vimaranense Victor Hugo Pontes, um dos nomes incontornáveis da dança em Portugal.



AMARO DAS NEVES

O professor conta a história da Torre da Alfândega "das origens até ao dia de hoje"

BRINQUEDOS ANTIGOS

Lembra-se da fábrica Ribeirinho? E da Pátria? Fomos conhecer o fantástico mundo dos brinquedos antigos.

WESTWAY LAB

3ª edição do festival que aproxima profissionais da área e público em torno da criação artística.

N36 ABRIL 2016

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO



BRUNCH*

Todos os domingos no Baunilha Moscada
Inicia às 11:00h - Termina às 14:30h

*Grátis para crianças até aos 3 anos | Dos 4 aos 8 anos: 50% desconto

Novo Horário Baunilha Moscada

Segunda a quinta das 9H00 à 1h00

Sexta e sábado das 9H00 às 2h00

Domingo das 11H00 à 1h00

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO



A PÁSCOA QUE JÁ NÃO É O QUE ERA

Lembro a celebração da Páscoa como um grande motivo de alegria, de agitação.

Em criança, a chegada do dia de Páscoa era vivida com ansiedade. Era dia de estrear umas calças, uma camisa e uns novos sapatos, muito brilhantes, como ficavam bem na altura aos catraios. Os sapatos que sempre trouxeram umas merecidas palmadas por não combinarem com o apetite pela bola de futebol.

PÁSCOA ERA TAMBÉM SINÓNIMO DE UMA IDA AO BARBEIRO PARA O CORTE DO CABELO, "MAIS CURTO DO QUE O COSTUME, POR FAVOR! QUE ESTE HÁ DE DAR ATÉ AO VERÃO"

Na véspera, visitava os padrinhos de saco na mão com uma dúzia de ovos

cozidos pintados numa panela cheia de cascas de cebola. Em troca, recebia a rosca [já era de pão de ló,] e uns anitos mais tarde juntaram uma nota.

Lá na aldeia, por cada casa, estoirava-se uma dúzia de foguetes, ou dúzia e meia, dependia das posses e do ano. Fazia-se um peditório entre os solteiros para receber com uma grande girandola a cruz, logo que se avistasse a sua entrada naquele lugar. Fazia-se outro, entre os casados, para marcar o encontro da "nossa" com a cruz que chegaria, ao final da tarde, do outro lugar. Havia competição entre as duas [sempre achei que ganhava a dos solteiros, embora paga pelos casados].

Eram quatro as cruces que percorriam, num dia inteiro, todas as ruas, entrando, sem exceção, em todas as casas da freguesia. A cruz era

transportada pelo "chefe de família" ou pelo filho mais velho até à casa do vizinho. Era também a Páscoa um motivo para a união e confraternização dos vizinhos, da gente da aldeia. Tinha [a sorte] de ter a família materna quase toda naquele lugar e ia a todas, beijar a cruz, provar o pão de ló, conversar com os primos e comer umas amêndoas.

Não sou do tempo do coelho nem dos ovos de chocolate, mas não trocava por nada aquela Páscoa, vivida com alegria, por esta, marcada pelo esquecimento dos reais motivos da celebração e pelo apetite comercial.

Eliseu Sampaio

FIGHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede Rua de S. Pedro, N.º 127 - Serzedelo

4765-525 Guimarães

Telefone 917 953 912

Email geral@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Registado na Entidade Reguladora Para

a Comunicação Social, sob o n.º 126 352

ISSN 2182/9276 Depósito Legal n.º 358 810/13

Design Gráfico e Paginação

Qoob Design Studio

Rua da Cruz D'Argola

Bloco A - 871 - Mesão Frio

4810-225 - Guimarães

info@qoob.pt / www.qoob.pt

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Fotografia da Capa

Joaquim Lopes

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as
nossas campanhas de publicidade.

Telefone 253 537 250 Telemóvel 917 953 912

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Rua Antero Henriques da Silva 66F
Costa - 4810-026 - Guimarães



f / MAISGUIMARAES

ARGENTO DEU AS BOAS VINDAS À NOVA ESTAÇÃO COM UM
CONCERTO DE PRIMAVERA
 FOI UM SUCESSO!



A Argento Joalheria, no Guimarães Shopping, recebeu a Primavera com um concerto dos TetrAcord'Ensemble.

"ESTA FOI UMA FORMA ORIGINAL DE MARCARMOS A CHEGADA DA PRIMAVERA, A ESTAÇÃO DA ALEGRIA, DA FELICIDADE, DA COR E DA BELEZA. A NOSSA LOJA IDENTIFICA-SE MUITO COM ESTA ESTAÇÃO."

Dra. Virginia - Proprietária da Argento Joalheria

No final de tarde do dia 26 de março, os clientes da Argento Joalheria e todos os que visitaram o Guimarães Shopping foram surpreendidos por este evento, tendo a oportunidade de apreciar um belo momento musical. Foram muitos os que se mantiveram durante todo o concerto que decorreu durante mais de uma hora.

Um agradecimento especial a todos os presentes, vocês brilharam!!!!
 Argento Joalheria



COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!

29

A HISTÓRIA
DA TORRE DA ALFÂNDEGA



16

DIA MUNDIAL
DO LIVRO



WESTWAY LAB
2016

35



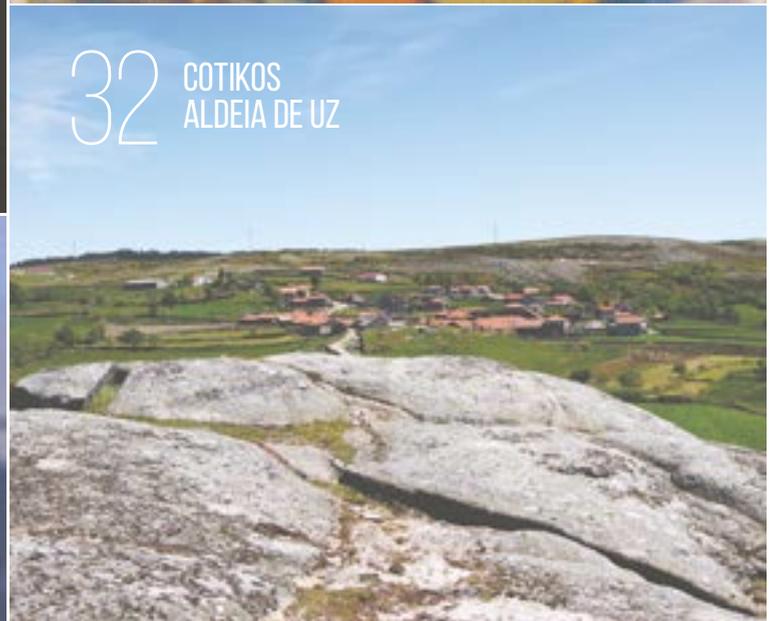
18

O MUNDO DOS
BRINQUEDOS ANTIGOS



32

COTIKOS
ALDEIA DE UZ



MODA
GUIMARÃES

14



2º ANIVERSÁRIO VARGA

A VARGA FASHION STORE
CELEBRARÁ EM MARÇO O 2º ANIVERSÁRIO, NUMA CELEBRAÇÃO
REPLETA DE REQUINTE E GLAMOUR



Muitos foram os clientes e amigos que se juntaram à festa, ficando a conhecer, em primeira mão, as propostas VARGA para esta nova estação.

Para além de cores vivas, que buscam a alegria que a Primavera desperta, a VARGA FASHION STORE junta agora, a muitas outras marcas conhecidas, as novidades de Roberta Biagi e Gil Santucci.



Para Silvana Vieira, responsável pela loja "Este é um momento muito especial, de afirmação da nossa forma de estar neste mercado muito exigente.

"Estou muito feliz com estes dois anos e tenho de agradecer muito a todos os clientes pelo carinho e pela confiança, garantindo-lhes que continuaremos a esforçar-nos diariamente por merecer as suas visitas", conclui.



*"MAIS DO QUE CLIENTES,
NESTES DOIS ANOS FIZEMOS
MUITOS AMIGOS."*

Silvana Vieira



FURLA
LOVE
MOSCHINO
LUÍS ONOFRE
SAHOCO
DENNY ROSE
ROBERTA BIAGI

MELISSA
LIU JO
COLCCI
MORENA ROSA
SUPERTRASH
EMU
GIL SANTUCCI



Avenida de Londres · Guimarães
www.varga.pt · facebook.com/vargafashion

EXPOSIÇÃO

“SOMOS FADO” DE PEDRO GUIMARÃES NO MUSEU DO FADO ATÉ SETEMBRO

TEXTO: MARCELA FARIA • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



O VIMARANENSE PEDRO GUIMARÃES INAUGUROU NO MÊS DE MARÇO A SUA EXPOSIÇÃO “SOMOS FADO” NO MUSEU DO FADO EM LISBOA. O EVENTO CONTOU, ENTRE OUTRAS, COM AS PRESENÇAS DOS FADISTAS MARIZA E MARCO RODRIGUES.



07

“O momento alto da inauguração foi quando eu retirei uma guitarra portuguesa da peça ‘Amália’ e entreguei ao guitarrista que acompanhou o fadista Marco Rodrigues na sua atuação. Esses momentos foram verdadeiramente únicos e mágicos onde todos sentiram a verdadeira fusão entre o Fado e a minha obra. Foi nesse momento que senti que o tema da exposição ‘SOMOS FADO’ foi ali e naquele momento sentido e vivido”, salienta Pedro Guimarães sobre a inauguração que superou não só as suas expectativas como “as dos responsáveis do Museu do Fado, tanto em número como na reação positiva de todos os que estiveram presentes”.

O artista vimaranense, natural de Nespereira, e que tem visto o seu trabalho cada vez mais reconhecido não só em Portugal, mas também no estrangeiro, vê na forma como esta exposição está a ser recebida

a certeza de que o caminho que tem seguido “marca o panorama artístico nacional até pela forma como inspira outros artistas plásticos e até mesmo criadores de outras áreas.” “Tenho recebido imensas mensagens e comentários muito positivos, desde pessoas que estiveram na inauguração como de outras que visitaram depois, colegas de profissão, imprensa e até críticos de arte, que me fazem sentir que o meu trabalho comunica com muita força”, acrescenta.

Fora do país, Pedro Guimarães está, atualmente, representado numa das melhores galerias dos EUA, a Georges Bergès Gallery, localizada no Soho em Nova Iorque. A carreira do vimaranense está, como o próprio refere, “numa excelente fase”, o que lhe permite “abordar os temas que realmente o interessam e expor nos sítios onde quer”. “O facto de já ter chegado ao ponto de ter uma linguagem

muito própria e inconfundível faz-me sentir que, apesar de ter conseguido chegar a um patamar interessante de reconhecimento, tenho também a responsabilidade de evoluir e partilhar de forma consistente o meu trabalho”, destaca.

A cidade natal nunca é esquecida e, apesar de não avançar com mais informações, Pedro garante que há já “coisas programadas”. “As minhas excelentes experiências anteriores asseguram-me que a minha cidade me apoia tanto cá como fora. Prova disso é que nesta inauguração no Museu do Fado tive o enormíssimo privilégio de ter o apoio da freguesia Nespereira, onde sempre vivi, que organizou uma excursão a Lisboa para apoiarem o artista da terra. Comunicar através da arte é bom para qualquer artista, mas fazer isso e ter ao lado quem gostamos é maravilhoso”, remata Pedro Guimarães. ●

MODA

MODA GUIMARÃES PRIMAVERA VERÃO 2016, UM DESFILE PARA REPETIR

TEXTO: SOFIA PIRES
FOTOGRAFIAS: DANIEL MATOS FERNANDES



A 1.ª EDIÇÃO DO MODA GUIMARÃES PRIMAVERA VERÃO 2016 ENCHEU DE GLAMOUR O MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO NA NOITE DE 19 DE MARÇO E PROMETE VOLTAR A FAZÊ-LO, JÁ EM OUTUBRO, PARA APRESENTAR AS NOVIDADES DA PRÓXIMA ESTAÇÃO DOS JOVENS CRIADORES QUE ESTUDAM NA CIDADE BERÇO.

O claustro deste espaço museológico no centro histórico de Guimarães esteve repleto de convidados expectantes para conhecer as novas propostas do estilista e padrinho do evento, Rafael Freitas, e os trabalhos dos alunos do curso de Design de Moda da Cenatex e da licenciatura de Design e Marketing de Moda da Universidade do Minho.

O envolvimento do criador vimaranense também foi significativo naquilo que a organização apontou como sendo “o momento alto da noite”: O desfile dos clientes da Cercigui com roupas desenhadas e manufaturadas na instituição.

Sara Coutinho, uma vimaranense com paraplegia apaixonada pela moda e a impulsionadora desta vertente inclusiva do Moda Guimarães, ficou responsável pela abertura do desfile de



Rafael Freitas. “Foi um orgulho imenso. Nunca tinha desfilado na minha cidade e para mim foi uma estreia pela porta grande. Toda a gente percebeu a mensagem: A moda e a inclusão andam de mãos dadas”, referiu à Mais Guimarães.

Não é propriamente uma estreia nas passerelles. Já em 2010 Sara Coutinho tinha desfilado para o estilista e agora apresentou um novo modelo adaptado para utilizar em cadeira de rodas. “O vestido do Rafael Freitas era muito bonito. Acho que me assentou muito bem e o feedback que recebi das pessoas é que era lindíssimo. Não podia estar mais feliz”, disse.

A organização, uma equipa composta pela agência de modelos All Management e profissionais da área, faz um balanço “extremamente positivo” da

“NÃO PODIA ESTAR MAIS FELIZ. SER APLAUDIDA POR 500 PESSOAS EFUSIVAMENTE, FOI QUASE UM RECONHECIMENTO DA MINHA PERSISTÊNCIA NA INCLUSÃO. TENHO RECEBIDO IMENSAS MENSAGENS DE INCENTIVO DE MUITA GENTE PARA CONTINUAR, PORQUE FOI UM MOMENTO RARO DE BELEZA E EMOÇÃO”.

SARA COUTINHO

primeira edição deste certame que se pretende afirmar como bianual. “Já foi apalavrado com a direção do Museu de Alberto Sampaio para se realizar uma segunda edição já em outubro deste ano para continuarmos com este projeto que tem pernas para andar. Serão pelo menos duas edições anuais para as estações”, revelou o produtor de moda, Ricardo Azevedo.



ENTREVISTA

RAFAEL FREITAS

É O ESTILISTA VIMARANENSE MAIS MEDIÁTICO DO MOMENTO MAS ASSUME-SE UMA PESSOA SIMPLES E ACESSÍVEL QUE ESCOLHEU GUIMARÃES PARA “CONSEGUIR O IMPOSSÍVEL”: CRIAR AUTÊNTICAS “PEÇAS DE ARTE COMO SE FOSSEM JOIAS VESTÍVEIS”. RAFAEL GARANTIU À MAIS GUIMARÃES QUE “AS PRÓXIMAS COLEÇÕES MOSTRARÃO EXATAMENTE ISSO”.

Como acha que Guimarães está como berço de jovens criadores. É uma boa incubadora?

Sem sombra de dúvida, de Guimarães saem imensos técnicos e mesmo estilistas que são inseridos em equipas criativas em grandes marcas mundialmente conhecidas e reconhecidas.

A participação no Moda Guimarães acontece 13 anos depois do desfile da primeira coleção do Rafael Freitas, precisamente, no Museu de Alberto Sampaio. Soubes bem regressar?

Entrar no Museu de Alberto Sampaio é sempre um enorme prazer para

mim... Foi lá que todo o meu percurso enquanto costureiro começou. É difícil explicar aquilo que senti, mas foi sem dúvida gratificante recordar momentos passados naquele sítio. Parece que foi ontem que tudo começou.

De que forma encara o percurso que fez até agora?

Com um enorme sorriso, fiz e faço exatamente aquilo com que sempre sonhei e recebo o reconhecimento das pessoas que me seguem. Encaro os primeiros 10 anos de carreira como um estágio e agora sinto-me pronto e com energia para enfrentar o mundo profissional. É completamente diferente abrir uma empresa aos 19 anos e recomeçar aos 30...

Não é de agora que se interessa pelas questões da inclusão das pessoas com deficiência. Acredita que a moda é para Todos?

Sim, acredito. Desde sempre gostei de trabalhar com pessoas com qualquer tipo de deficiência, enche-me de alegria ver os sorrisos de pessoas que, mesmo sem saberem, têm tanto potencial.

Esteve ausente cerca de um ano, o que motivou essa pausa?

Por vezes temos de saber parar. A minha vida na altura era uma verdadeira loucura cheia de futilidades e excessos, o atelier que sempre sonhei tinha-se transformado numa fábrica e a verdadeira essência de Rafael Freitas estava a perder-se. Foi uma pausa necessária para repensar as minhas prioridades e recomeçar com mais força que nunca, retomando o projeto inicial de um atelier de alta-costura.

Guimarães será sempre a cidade de partida e de chegada?

Desde sempre amei esta cidade. E seria bem mais fácil reabrir no Porto, em Lisboa, mas não, é nesta cidade que quero estar e foi Guimarães a cidade que escolhi para trabalhar. Se foi fácil? Confesso que no início foi bastante complicado mas já passaram dois anos desde que as portas do Atelier Hope Shalom abriram e tudo corre exatamente como esperava.

O que motivou a escolha deste nome para o novo showroom?

Foi uma escolha e basicamente significa um recomeço cheio de esperança. Mas também, e porque temos vários projetos a nível internacional, foi fundamental criar uma empresa que representasse todas as marcas que tenho, nomeadamente, a Rafa Couture e a Rafael Freitas, e brevemente irão juntar-se mais duas marcas, uma de calçado e acessórios de moda e outra na área da decoração.

O que é que este espaço traz de novo para a assinatura Rafael Freitas?

A marca foi repensada e voltou à sua verdadeira origem: Peças cheias de luxo feitas segundo as normas de alta-costura. Voltando a estar presente em todas as minhas criações a verdadeira essência que fez com que Rafael Freitas se tornasse uma marca difícil de confundir. O luxo levado ao extremo. Quero, não só fazer vestuário, mas sim fazer peças de arte quase como se fossem joias vestíveis. ●

MÚSICA

C4 PEDRO TRAZ MÚSICA AFRICANA A GUIMARÃES

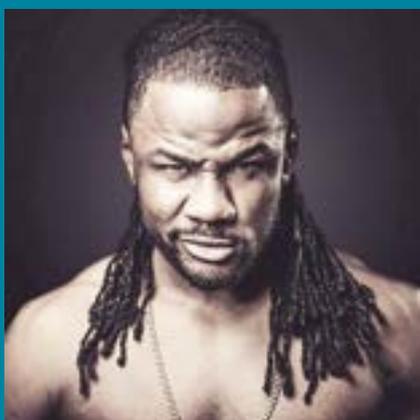
FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

O PAVILHÃO MULTIUSOS RECEBE NO PRÓXIMO DIA 16, SÁBADO, PELAS 22H00 O ESPETÁCULO DE APRESENTAÇÃO DO ÁLBUM "KING CKWA", O MAIS RECENTE TRABALHO DO ARTISTA ANGOLANO C4 PEDRO.

Pedro Lisboa Santos, artisticamente conhecido como C4 Pedro, é um dos mais influentes músicos da nova geração da música popular angolana.

Compositor, guitarrista e produtor, C4 Pedro vai apresentar temas que fazem parte do novo álbum, como o êxito "Vamos Ficar Por Aqui" e ainda os temas "Tu és a Mulher", "Spetxa One", "African Beauty" (feat. Dj Maphorisa), "Azar da Belita" ou ainda "Muita Areia". O mais recente álbum chegou às lojas em setembro de 2015 e entrou diretamente para o 4º lugar do top nacional de vendas, tendo estado também em nº1 do iTunes (Portugal). "King Ckwa" é um trabalho eclético que percorre sonoridades desde a pop ao afro beat, afro house, passando pelo RnB, zouk ou kizomba e inclui colaborações com artistas como Pérola, Zona 5, Big Nelo, Nelson Freitas, Dj Maphorisa, Kaysha, Edmázia, Prodigio e Francis.

C4 Pedro é um dos elementos do grupo B4, que cessou funções em setembro de 2015, responsável pelos êxitos "É melhor não duvidar" e "Quem Será [O Verdadeiro Amor]", temas que certamente não vão faltar no alinhamento deste concerto.



ENTREVISTA

RUI SINEL DE CORDES:

"GOSTO MUITO DO ESPÍRITO DESTA CIDADE, DA IRREVERÊNCIA E IRREDUTIBILIDADE DE QUEM AQUI VIVE"

TEXTO: MARCELA FARIA • FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

O SÃO MAMEDE CAE ACOLHEU EM MARÇO O ESPETÁCULO "JE SUIS CORDES" DE RUI SINEL DE CORDES, HUMORISTA RECONHECIDO PELO SEU TALENTO NO CHAMADO "HUMOR NEGRO". A MAIS GUIMARÃES, QUE SE ASSOCIOU AO EVENTO OFERECENDO DOIS BILHETES DUPLOS PARA A NOITE DE COMÉDIA, APROVEITOU A PASSAGEM DO ARTISTA PELA CIDADE BERÇO PARA UMA CONVERSA.



Como define este "Je suis Cordes"?

Depois do "Isto Era Para Ser Com o Sassetti", é o regresso ao stand-up comedy puro. Uma hora, eu e um microfone, a falar sobre algumas atualidades portuguesas e, acima de tudo, a partilhar estórias e teorias. E muita javardeira.

Como tem sido a recetividade?

Excelente. Não podia pedir mais pessoas nas salas, nem melhor reação ao espetáculo. Há cada vez mais portugueses com um sentido de humor apurado e equilíbrio emocional para um humor mais agressivo, mas que não passa disso: humor.

É, por vezes, mal compreendido nas observações que faz. Isso é algo que o incomoda?

Nada. Faz parte do processo. Tenho muito amor [pelo que faço].

O que entende por liberdade de expressão?

Dava um livro [deu vários, muitos de Filosofia]. Não é possível responder a isso em duas ou três linhas, mas posso responder rapidamente ao que entendo por liberdade de expressão quando relacionada com uma arte: tem de ser total. Da Pintura à Escultura, passando

pelo Teatro, Cinema ou Dança, a liberdade artística não pode ter limites. Não podem existir barreiras, tabus ou censuras. Ou deixa de existir arte. O humor, também é uma arte, e como tal, não se lhe pode colocar espartilhos.

Quando é que percebeu que a sua carreira profissional iria passar pelo humorismo?

Quando me proibiram, em 2002, numa sala de aula, de ler os meus textos.

É fácil ser-se humorista em Portugal?

Fácil nunca é, mas há caminhos mais fáceis e outros mais complicados. Há cada vez mais humoristas, pelo que é preciso trabalhar cada vez mais. O que é ótimo!

Guimarães correspondeu às expectativas? Com que impressão ficou da cidade?

Guimarães corresponde sempre às expectativas. O show que fiz aqui no ano passado também correu muito bem. Eu gosto muito do espírito desta cidade, da irreverência e irredutibilidade de quem aqui vive, que vai da maneira como as pessoas se comportam nas maravilhosas ruas e vielas do centro, até ao futebol. Há um orgulho muito próprio em ser português, aqui. Há coragem. Aqui nasceu Portugal e quem cá vem não fica indiferente a isso. ●

FESTIVAL

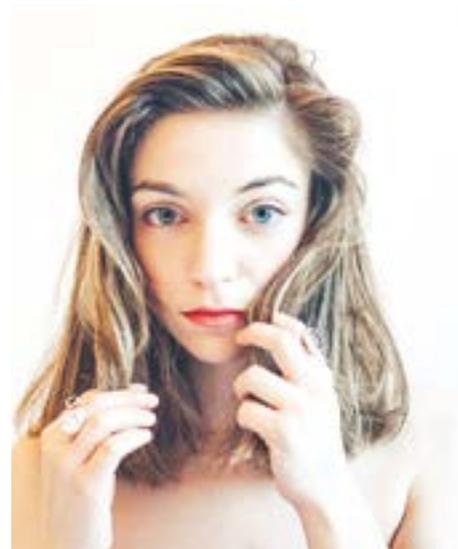
WESTWAY LAB VOLTA A REUNIR OS PROFISSIONAIS DA MÚSICA EM GUIMARÃES

O WESTWAY LAB FESTIVAL VOLTA A TOMAR CONTA DE GUIMARÃES. ENTRE 14 E 16 DE ABRIL, A CIDADE BERÇO ACOLHE RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS, TALKS, SHOWCASES, CONFERÊNCIAS PRO E CONCERTOS. NOMES DE REFERÊNCIA NO PANORAMA NACIONAL E INTERNACIONAL VÃO PASSAR PELO FESTIVAL, NUM FORMATO QUE VISA APROXIMAR PROFISSIONAIS DA ÁREA E PÚBLICO EM TORNO DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA.

© ANDRÉ LEAL



© RENATO CRUZ SANTOS



© BERTRAND BOSRÉDON

A 3.ª edição do Westway LAB acrescenta novos capítulos e reforça todas as dimensões que o distinguem dos restantes festivais. Este ano é lançado um novo palco em parceria com a plataforma internacional GIGMIT, que permitirá a bandas e músicos candidatarem-se à apresentação de um showcase no festival. Houve ainda, por parte da organização, especial atenção aos núcleos artísticos da cidade. Neste contexto, haverá um concerto de abertura, no palco principal, com um encontro invulgar: ao palco sobem, juntos, os The Membranes e o Coro de Jazz do Convívio. Para além disto, no que respeita à intenção de envolver ainda mais Guimarães, haverá grande circulação dos artistas pela cidade levando ao encontro destes com a população, que tem crescido de entusiasmo a cada ano. “No Tio Júlio ou no CCVF, a música veio para ficar e transformar esta cidade que, cada vez mais, é de criação”, finaliza a organização no comunicado de anúncio do festival.

O FESTIVAL DESENROLA-SE EM CINCO VERTENTES:

As residências artísticas, que decorrem no Centro de Criação de Cando-so, vão acolher artistas nacionais e internacionais que partilharão posteriormente com o público, durante os showcases, no Café Concerto do CCVF, o resultado das experiências que viveram durante a semana de “retiro musical”. “O desafio é forte e original: formar um projeto musical temporário ou até efémero, combina-

do entre músicos nacionais e internacionais. Uma semana para afastar rotinas, entregar a mente à experimentação e métodos de composição mais espontâneos. Um processo de criação sem rede onde o ‘choque cultural’ é promovido enquanto ponto de partida para uma residência de curta duração que resultará em algo de muito imprevisível e autêntico no palco”, avança a organização.

As talks, momentos para conhecimento mútuo entre os artistas e o público da cidade num ambiente informal e descontraído, permitem a passagem de informação sobre a experiência de viver Guimarães pelo ângulo da criação e decorrerão pelas 18h00, na quinta-feira 14 no Cor de Tangerina e na sexta-feira 15 no Tio Júlio.

As conferências PRO vão realizar-se no Palácio Vila Flor e contam com duas palestras de figuras de relevo na indústria da música independente internacional: Charles Caldas, da MERLIN, e Helen Smith, da IMPALA. As conferências também apresentam uma forte componente programática em torno da gestão musical: uma plataforma de conhecimento para managers de Portugal, Espanha e outros gestores internacionais, promovendo a troca de experiências profissionais, organizadas em parceria com a BIME - Bilbao International Music Experience. Painéis sobre novos festivais de música europeus, direitos musicais, edição de música e o trabalho de supervisão musical em trabalhos audiovisuais, assim como debates sobre diversos tópicos de interesse compõem a ordem de trabalhos. ●

CONCERTOS

IVAN AND THE PARAZOL

Quinta-feira, 14 - 22h00
Café Concerto - CCVF

THE MEMBRANES + CORO DE JAZZ DO CONVÍVIO

Sexta-feira, 15 - 21h00
Grande auditório - CCVF

SARAH P.

Sexta-feira, 15 - 22h00
Café Concerto - CCVF

GIGMIT STAGE

Sábado, 16 - 17h00
Café Concerto - CCVF

FILHO DA MÃE

Sábado, 16 - 21h30
Pequeno auditório - CCVF

MY BABY

Sábado, 16 - 22h30
Grande auditório - CCVF

PAUS

Sábado, 16 - 23h30
Grande auditório - CCVF

RUI MAIA LIVE ACT

Sábado, 16 - 00h30
Café Concerto - CCVF

ABRIL 2016

AGENDA CULTURAL



© DIREITOS RESERVADOS

OS JOGADORES SEXTA-FEIRA 08

22h00 Centro Cultural Vila Flor
Teatro

Peça escrita por Pau Miró (Barcelona, 1974), “Os Jogadores” é uma tragicomédia contemporânea onde o herói trágico é a própria sociedade. Um grupo de homens aparentemente inócuos vinga-se de um mundo de onde se sente excluído; um mundo “que mudou”. Ainda assim, nenhum deles é capaz de admitir qualquer responsabilidade pela criação dessa sociedade, desse mundo de cadeias de supermercado e de maus apartamentos, de burlas e formas de conseguir dinheiro fácil.

NOZES A QUEM NÃO TEM DENTES SEXTA-FEIRA 22

22h00 Centro Cultural Vila Flor
Circo Contemporâneo

Nova criação da companhia portuguesa Erva Daninha, “Nozes a quem não tem dentes” parte da ideia de oportunidade para uma reflexão sobre o livre arbítrio, o poder, o acesso e a escolha, numa perspetiva simbólica e irónica de acontecimentos que inquietam. Três artistas de circo navegam pela riqueza e ostentação sem a conseguirem aproveitar, navegam pelas melodias maravilhosas de ouvidos mocos, quebram as nozes, mas não as comem. Desdentados e desejosos, continuam na busca dos que já possuem esse fruto seco duro e maravilhoso. O que vale mais? A casca ou o fruto? A fome ou a vontade de comer? Neste espetáculo, a criação musical da Sonoscopia cria um universo intimista, poético e provocador, onde o circo surge como expressão do risco e do desafio na comunicação do corpo e do seu movimento.



© DIREITOS RESERVADOS

150 ANOS DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS AR- TÍSTICA VIMARANENSE SÁBADO 23

22h00 Centro Cultural Vila Flor
Concerto Coral Sinfónico

A Orquestra do Norte e o Coro Sinfónico Inês de Castro sobem ao palco do Grande Auditório do CCVF para um concerto coral-sinfónico comemorativo dos 150 anos da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa [ASMAV]. O grande momento deste concerto é a estreia da obra coral-sinfónica “Cantata Gnóstica”, com música de Jorge Salgueiro e poemas de Francisco Teixeira. A obra constitui-se em sete partes e é um ensaio musical e poético do que terá sido, ou poderia ser, uma cerimónia de cristãos gnósticos primitivos, dos I e II séculos da era cristã. Entrada livre (até ao limite da lotação da sala) – Levantamento dos bilhetes no dia do espetáculo, 23 de abril, a partir das 10h00, no Palácio Vila Flor, no máximo de 2 bilhetes por pessoa.

SONS DA LIBERDADE DOMINGO 24

22h00 Centro Cultural Vila Flor
Banda Musical da Sociedade Musical de Pevidém, Coros de Guimarães, Cineclube de Guimarães

Com este concerto, pretende-se viajar em paralelo pela Música e pela História, celebrando e homenageando todos aqueles que em nome da Liberdade se ergueram e lutaram. O Cineclube de Guimarães assegurará imagens que contextualizarão os momentos históricos em que as músicas foram fator fundamental de afirmação do espírito de Liberdade. Entrada livre (até ao limite da lotação da sala) – Levantamento dos bilhetes no dia do espetáculo, 24 de abril, a partir das 20h00, na Biheteira Central, no máximo de 2 bilhetes por pessoa.



© VERA MARMELO



© DIREITOS RESERVADOS

RAFAEL TORAL SPACE COLLECTIVE 3 MOON FIELD SÁBADO 30

22h00 PAC Black Box
Música

Rafael Toral faz-se acompanhar por Ricardo Webbens e Ricardo Dillon Wanke, o Space Collective 3, para estrear “Moon Field”, um trabalho associado à exposição “Civilizações de Tipo I, II e III” que Rui Toscano apresenta no Centro Internacional das Artes José de Guimarães. O Space Collective é uma formação aberta e variável, com capacidade para múltiplas abordagens musicais. A sua formação pode ir do duo a uma orquestra, e a numeração indica o número de músicos de cada formação. Este concerto é a primeira apresentação do Space Collective em Guimarães.

JOÃO GRAMA A IDADE DO PERIGO ATÉ 12 DE JUNHO

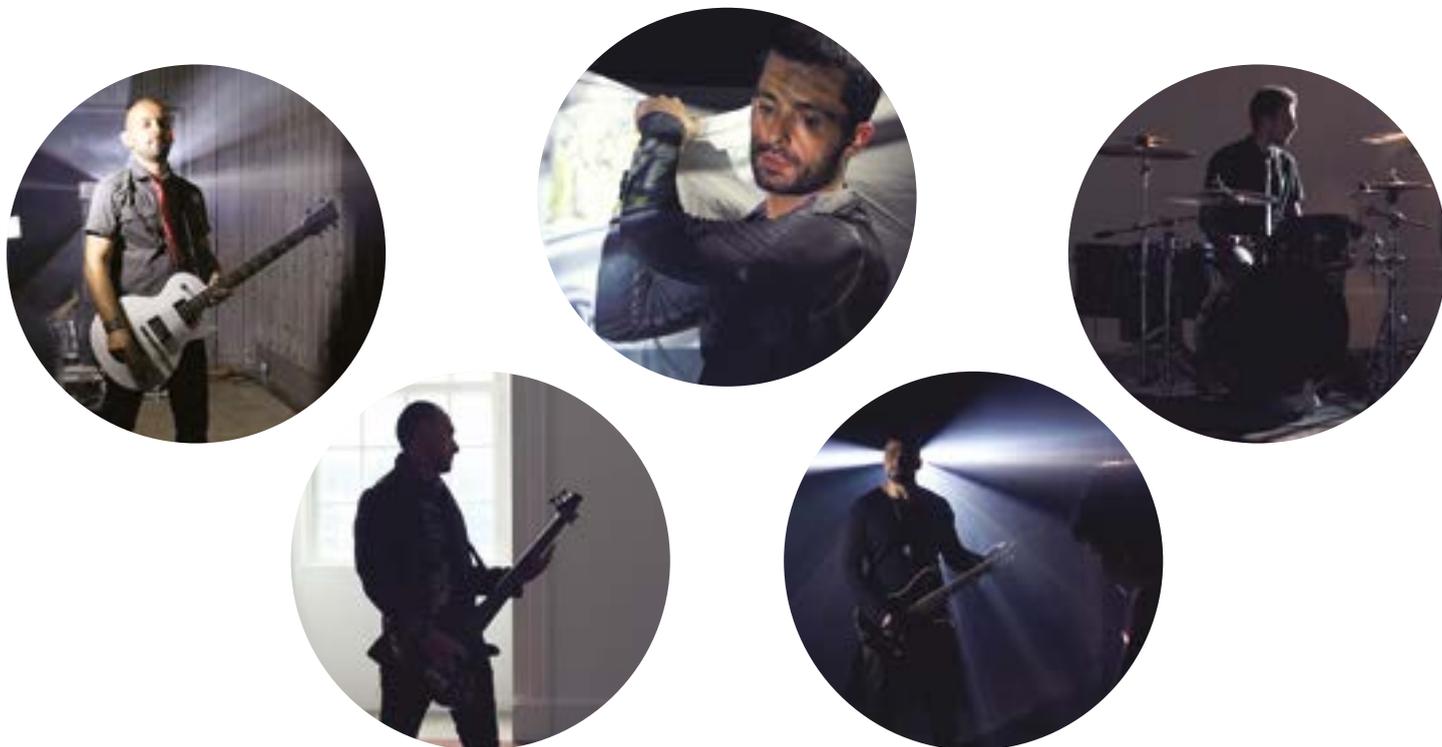
PAC / CIAJG
Exposição

Na exposição “A idade do perigo”, João Grama, artista formado no Ar.Co, sistematiza uma interrogação sobre a aproximação entre as entidades humana e animal, relação arcaica e repleta de estranheza, alteridade e reconhecimento. Focando a atenção na figura da armadilha, enquanto artifício que propicia o encontro, João Grama demanda paisagens e lugares longínquos, no mar ou na montanha, no litoral ou no exterior, para refletir sobre a temporalidade e a metafísica da existência.

MÚSICA

LAST CHANCE PREPARAM LANÇAMENTO DO PRIMEIRO ÁLBUM

TEXTO: MARCELA FARIA • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



Os Last Chance são uma banda vimaranense de rock com cerca de seis anos de existência. Depois do lançamento de “Mirror Effect” em 2011, o EP de estreia, o grupo começou a divulgar o trabalho com concertos ao vivo e com alguns temas a passar em rádios nacionais e internacionais. Na calha está o lançamento de um novo álbum.

Em 2014, a banda sofreu algumas alterações na sua formação, começou a reinventar-se e a compor novos temas já a pensar num novo disco. O ano de 2015 ficou marcado pelo lançamento do primeiro videoclip para o single “Take Me”, realizado por Ricardo Teixeira em parceria com o realizador norte-americano Nathanael Matanik, que teve bastante sucesso um pouco por todo o mundo, com bastante relevância nos EUA, motivo de orgulho para a banda da cidade berço.

O grupo, que é atualmente formado por Hugo [Bateria], André [Guitarra], Ricardo [Guitarra], Paulo [Baixo] e Manuel [Voz], não especifica quais as bandas que mais os influenciam, mas des-

tacam que a diversidade nos gostos musicais de cada um dos elementos da banda faz com que haja mais abertura no que diz respeito à criatividade na composição das músicas, tornando-as mais interessantes.

Festival Sagres, Barco Rock Fest, São Mamede e Centro Cultural Vila Flor foram apenas alguns dos palcos/festivais por onde os Last Chance passaram. “Cada concerto é especial e único mas sem dúvida que tocar em casa [Guimarães] é sempre especial... Recordamos como concertos especialmente marcantes a gala do Submarino, onde recebemos alguns prémios e a vitória no Fundasound... Mas é igualmente marcante termos uma Fnac de Guimarães cheia a cantar os nossos temas, como aconteceu nestes dois últimos concertos já em 2016”, acrescenta Manuel Araújo.

O grupo tem cada vez mais fãs e seguidores nas redes sociais, o que faz com que a banda continue mais sólida no trabalho que tem vindo a desenvolver. “Saber que os nossos fãs estão ansiosos pelo novo álbum e as partilhas que fazem dos nossos

concertos nas redes sociais dá-nos força extra para trabalhar ainda mais. Além disso, temos recebido feedback muito positivo a nível internacional de alguns países onde já contamos com alguma base de fãs”, refere Manuel.

Rock in Rio, Nos Alive, Meo Arena, no que diz respeito aos palcos nacionais, e Coachella, Wembley Arena, Rock am Ring, Madison Square Garden, nos internacionais, são alguns dos palcos de sonho da banda vimaranense. Mas reforçam: “Existem tantos palcos de sonho que é impossível enumerá-lo”. “Gostaríamos de que a nossa música chegasse a todos os cantos do mundo, por nós a nossa vida seria uma eterna ‘tour’”, finaliza.

Na agenda está, para já, uma série de showcases pelas Fnac’s um pouco por todo o país e um concerto no Porto, em maio. Ainda não confirmada, mas na previsão da banda vimaranense, está uma tour pela Europa.

O primeiro álbum dos Last Chance será lançado durante 2016, não havendo ainda data e local determinados. ●

PUB

olhart
olhart
centro óptico

Rua 31ª António nº86
4800-162 Guimarães
Tlf: 253-416-379
Email: olhart2@hotmail.com

Horário: 2ª feira a sexta-feira: 9h30 as 19h30
Sábado: 9h30 as 19h00
Não encerra na hora de almoço!

consultas sem marcação
GRATUITAS
até 30 dias antes

**PROTOSCOLOS
CELEBRADOS**

MEDICARE; SAMS SINDICATO DOS
BANCARIOS DO NORTE; ASSOCIAÇÃO
FAMILIAR VIMARANENSE; BOMBEIROS
VOLUNTARIOS DE GUIMARÃES; VITORIA
SPORT CLUB; CCD DOS TRABALHADORES
DO MUNICÍPIO DE GUIMARÃES; ADBSG
ASSOCIAÇÃO DE DADORES BENEVOLOS
DE SANGUE DE GUIMARÃES.
ENTRE OUTROS.



CAMÕES, SHAKESPEARE... E A CHUVA DE ABRIL (ÁGUAS MIL)

O céu era, para si, um local demasiado pacífico. Para almas inquietas, tornava-se bastante difícil.

"Onde estão os mouros? Porra, nem que seja para jogar ao esconde!" - desabafa o arquitecto de Portugal.

Dom Afonso Henriques, "o Conquistador", "o Fundador", deitado à sombra de um carvalho [sim, porque no Céu também há carvalhos...e sol!], aborrecido como tudo.

Já por ali tinha passado São Nicolau, de caixa em punho.

"Ó Afonso, vens ensaiar comigo?" - perguntou-lhe em tom desafiador.

"Já não falta muito!" - completou.

Dom Afonso sorriu.

"Santinho, falta quase um ano. As feridas deste que passou ainda nem sararam. Vá o Senhor." - respondeu-lhe o Henriques.

O Nicolau abanou a cabeça, sorrindo sarcasticamente enquanto dali abalava. Foi ter com o Nicolino Mor, que, impacientemente, o esperava.

Havia o futebol, mas Dom Afonso nunca era convocado.

"Vai tratar desse joelho!" - recomendava São Pedro, o treinador da equipa celestial.

Como se sabe, El Rey havia dado cabo de um dos seus joelhos num dos ferrolhos das portas de Badajoz (em 1169).

"E o Eusébio?" - lembrava.

"O Eusébio chutou bolas de dois quilos. E tu?" - rebatia Pedro.

O rei voltava costas e ia cortar árvores com a espada, a ver se acalmava "o nervoso".

Rezar, jogar à sueca, jogar ao "trinco-lé" [a não ser que fosse com moças], comer, beber... tudo o aborrecia.

Recusara o convite do Elvis e do Jimi Hendrix para fumar um charro. A Amália Rodrigues e o Carlos Paredes tentaram levá-lo a uma sessão de poesia com Camões e Pessoa, mas ele declinara.

O John Lennon e o George Harrison incentivaram-no a formar, juntamente com eles os dois, uma banda, os "RELTLES", na qual ele ocuparia o lugar de Paul McCartney e El Rey Dom Dinis supriria a falta de Ringo Starr na bateria. Nada feito! Era tudo demasiado "soft" para o Original Português.

Até que...

Movido por um impulso, o Real Tolo decidiu ir até ao sítio mais parecido com a Penha que o Céu tem: o popular "Monte do Amor". Sorrateiro e manhoso, escondeu-se num arbusto. Daí, viu Dom Pedro e Dona Inês de Castro aos beijos na boca.

Sentiu um bafo ofegante a seu lado: era Camões, vindo da sessão de poesia.

"Surpreso? Tenho de vir buscar inspiração a algum lado..." - diz-lhe o Príncipe dos Poetas. "

Sim, mas com esse olho, vês tudo pela metade!" - remata, entre dentes, o Rei.

Camões olha-o [só com um olho] de canto.

Estavam já Pedro e Inês prestes a contrair uma constipação, quando um duo chega apressado. Quem? O Presidente Kennedy e Marilyn Monroe!

"Aquela moça! Eu já tive um poster daquela moça nos meus aposentos!" - exclama El Rey, agarrando o braço do "mirolha" mais famoso da História de Portugal.

"Ela tem um sol habitando-lhe os cabelos!" - acrescenta Luís Vaz, emocionado.

Dom Afonso olha-o, fixamente, e pede-lhe, quase em jeito de ordem:

"Luís, eu, Afonso, filho de Henrique e Primeiro de Portugal, encarrego-te de conseguir arranjar um encontro entre mim e aquela moça. Faz-te valer da tua eloquência, dos teus versos... Olha, sei lá, tens de conseguir, custe o que custar!"

Camões, espantado, tenta articular as palavras certas: "Mas, meu Senhor, eu não falo inglês...".

Dom Afonso não cede: "Arranja-te. Lembra-te, escreveste 'Os Lusíadas' à minha pala...esta parte da pala foi sem ofensa."

Camões resigna-se ao seu fado. Não tem outro remédio. El Rey Dom Afonso Henriques tornara-se caprichoso, fruto de seu grande crédito e glória.

Começou a engendrar um plano para poder chegar até à loira mais famosa de sempre. Seguiu-a durante uns tempos, ficou a conhecer-lhe as rotinas. Conseguiu provocar uma zanga entre ela e Kennedy [fez uma tosca montagem de fotos, onde juntava, no "Monte do Amor", o presidente americano com

Jane Russell, antiga companheira de filmes da actriz. Enfiou a montagem num envelope e fez com que a mesma chegasse às mãos de Marilyn].

Falou com Shakespeare e pediu ao distinto dramaturgo inglês para que este lhe servisse de intérprete/tradutor. O bom do William, que sabia o bastante de Português, fruto da leitura das obras de Mestre Gil Vicente, acedeu com entusiasmo.

Altura marcada, rotinas já mais do que sabidas. Vem Marilyn toda lampeira, de vestido branco esvoaçante. Saem-lhe ao caminho dois sujeitos pomposos. De início, ainda pensou tratarem-se de dois travestis. Mas não. Logo reconheceu Shakespeare. "Oh...Sir William. Such an Honour..." [Oh Sir William, quanta honra...].

Shakespeare faz vénia e beija-lhe a delicada mão. "Lady Monroe, this is Camões, the greatest Poet that ever lived." [Senhora Monroe, este é Camões, o maior Poeta que alguma vez viveu.] - explica.

"Oh, delighted." [Encantada!] - acrescenta Marilyn.

Camões não percebe nada daquilo, mas sorri, cortês.

"Luís Vaz de Camões, de Portugal, ao seu dispor, Senhora." - acrescenta.

Shakespeare trata de traduzir.

[A conversa decorre aos solavancos por causa das diferenças linguísticas.]

"Uuuuuh, I Love Portugal...i'm sure it will be a pleasure to meet your King." [Uuuuuh, adoro Portugal...tenho a certeza de que será um prazer conhecer o seu Rei.] - conclui Marilyn Monroe, após Camões ter explicado, com a ajuda de Sir William Shakespeare, quais as suas intenções [que eram, na verdade, as do Rei]. Já se preparava o Poeta Lusitano para declamar uns versos, quando a americana lhe faz uma pergunta inesperada:

- What happened to your eye? [O que aconteceu ao seu olho?]

Shakespeare traduz. Camões responde, dizendo que se trata de uma longa história. Após a devida interpretação, Marilyn assente. O encontro é marcado. Antes da despedida, a declamação: "Quem vê, Senhora, claro e manifesto O lindo ser de vossos olhos belos, Se não perder a vista só com vê-los, Já não paga o que deve a vosso gesto..."

Shakespeare esforça-se por imitar Camões no ímpeto e na entoação e, para melhor encarnar o papel, pega numa folha de árvore e tapa uma das vistas. Camões olha-o, trocista. Marilyn está derretida.

Não perde tempo Camões. Despede-se primeiro de Marilyn. Depois de Shakespeare. Promete ao amigo William que arranjará um autógrafa de Gil Vicente. Parte em seguida. Vai contar a boa nova a Dom Afonso Henriques.

O Rei, não surpreendentemente deitado num campo, bramindo a espada para lá e para cá, recebe-o, expectante.

- Então? Há boas novas?

"Muito boas, Senhor. Ela acedeu a encontrar-se consigo." - responde o maior dos Poetas.

- Luís, vou mandar construir uma estátua do tamanho da Torre Eiffel com a tua figura! Louvado seja Deus! - grita Afonso.

Deus, que estava por ali perto, fura uma nuvem com a cabeça e avisa o Rei Português:

- NÃO DIGAS O MEU NOME EM VÃO! - e desaparece.

Dom Afonso nem liga. Pergunta a Camões o local do encontro. O Poeta explica-lhe que o mesmo se dará no célebre "Monte do Amor", junto ao reservatório das águas celestiais, a casa de São Pedro.

Afonso torce o nariz, pois não se dá com aquele santo. Querelas futebolísticas! A verdade é que o encontro, e Ele sabia-o, valia bem o sacrifício.

Camões relembra El Rey de que Marilyn fala em inglês. Como a iria entender? Afonso responde-lhe que "a linguagem do amor é universal". Uma resposta "à Camões", portanto. Está a chegar o momento. Dom Afonso prepara-se. Lava os dentes, ajeita a cabeleira e penteia (penteia!) a barba. Põe o cinto, depois a espada. Estende a capa pelas costas. Perfume? O natural. Dirige-se para o local.

À chegada, começa a imaginar o momento de a beijar. Ganha inesperados calores. Memórias de Mafalda, de Flâmula ou de Chamoia percorrem-lhe a mente. Memórias de tantas outras. Ali perto, num dos arbustos, já Camões se escondia. Viera, pois claro, reclamar o preço da sua

demanda. Achava ele que tinha direito a assistir ao enlace. Trouxera Shakespeare consigo.

Chega Marilyn. Uma rajada de vento levanta-lhe o vestido. Dom Afonso consegue ver, ainda que ligeiramente, as cuecas da moça. Aproxima-se dele com olhar de menina marota. "Já vais levar 'tatau'." - pensa o Rei Português, todo sorridente.

"Hello" - diz-lhe ela.

"Para ti também" - responde ele, ávido de desejo.

"So, Afonso is your name..." [Então, chamas-te Afonso...] - continua Marilyn, em jeito desbloqueador de conversa.

"Queimei-me? Não, mas já ardo de desejo!" - retribui o primeiro dos Portugueses, lançando-se, em seguida, para os braços de Marilyn, que o agarra com grande vontade.

Atrás do arbusto, Camões sorri, acotovelando Shakespeare. "Isto vai aquecer." - diz-lhe.

Com a força não controlada da cotovelada, Luís acaba por fazer desequilibrar William Shakespeare, que cai com aparato em cima da planta.

Afonso, apesar de estar já envolvido em termos românticos com Marilyn Monroe, escuta aquele repentino basqueiro. Afasta os braços da actriz e desembainha a espada. Quando o faz, levanta-a em demasia e, com a impetuosidade do impulso, fura um dos canos do reservatório.

Vira-se na direcção do cano. Camões e Shakespeare aproveitam para fugir. A água começa a jorrar. Marilyn, frágil, é levada pela corrente. Afonso agarra-se a um forte ramo de uma árvore. Consegue ouvir Marilyn chamar por si. Vê, bem mais longe, Dom Pedro e Inês de Castro, desnudos, com a água pelos joelhos.

El Rey grita às pessoas que passam: às que o fazem a pé, nos sítios mais elevados, e às que seguem bem mais junto de si, arrastadas pela água:

- Algum de vós é canalizador?

"Não, eu sou DJ!"; "Eu também!"; "E eu." - respondem.

A água começou a cair do céu. Incessantemente. Até hoje e, sabe-se lá, até quando!

NOTA: Quando agregadas à imaginação apalermada de determinados autores, as leituras dos grandes clássicos (de Camões, Shakespeare, entre outros) podem dar origem a textos como este. Benditos sejam os livros para todo o sempre! ●

Por expresso pedido do autor, este texto não obedece às regras do novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

Paulo César Gonçalves

Dramaturgo e letrista, escreve às vezes na Mais Guimarães

A Mais Guimarães foi até à Livraria Ideal para conhecer os gostos literários dos vimeiranos.

TOP 10 DOS LIVROS MAIS VENDIDOS EM 2015:

- 1.º As flores de Lótus**
José Rodrigues dos Santos
- 2.º Guimarães top-secret**
Samuel Silva
- 3.º A desumanização**
Valter Hugo Mãe
- 4.º A morte sem mestre**
Herberto Helder
- 5.º Grey**
E.L. James
- 6.º O fim do homem soviético**
Svetlana Aleksievitch
- 7.º A rapariga no comboio**
Paula Hawkins
- 8.º Assim nasceu Portugal**
Domingos Amaral
- 9.º O que vejo e não esqueço**
Catarina Furtado
- 10.º Número zero**
Umberto Eco

TOP 10 ATUAL

- 1.º Mein Kampf - a minha luta**
Adolf Hitler
- 2.º Letra aberta**
Herberto Helder
- 3.º Uma terra chamada liberdade**
Ken Follett
- 4.º Vozes de Chernobyl**
Svetlana Alexievitch
- 5.º Chegar novo a velho**
Manuel Pinto Coelho
- 6.º O sexo inútil**
Ana Zanatti
- 7.º Curiosidades do Vaticano**
Luís Miguel Rocha
- 8.º Um postal de Detroit**
João Ricardo Pedro
- 9.º Ayrton Senna do Brasil**
Richard Williams
- 10.º Portugal insólito**
Joaquim Fernandes

PUB

Ideal

LIVRARIA PAPELARIA

Rua da Rainha Dona Maria II, Nº 34, 4800-431 Guimarães
Tel. 253 422 750 Fax. 253 422 759
e.mail: idealcoo@mail.telepac.pt
website: livrariaideal.net

OFEREÇA UM LIVRO NO
DIA MUNDIAL DO LIVRO

Ler é viajar sem sair do lugar,
voar sem ter asas,
caminhar sem tirar os pés do chão,
sonhar acordado,
navegar em um mar de palavras,
soltando a imaginação

DIA MUNDIAL DO
LIVRO

23 DE ABRIL

EFFATHA ATUAM A 16 DE ABRIL NA BASÍLICA DE SÃO PEDRO

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DOS 400 ANOS DA IRMANDADE DO PRÍNCIPE DOS APÓSTOLOS, E TAMBÉM DO ANO SANTO DA MISERICÓRDIA, A BASÍLICA DE SÃO PEDRO RECEBE NO PRÓXIMO DIA 16 DE ABRIL, PELAS 21H30, O CONCERTO DO GRUPO EFFATHA. D. JORGE ORTIGA É UMA DAS PRESENCAS CONFIRMADAS.

O grupo Effatha, que lançou em abril de 2013 o cd "Chama de graça", nasceu na Basílica de São Pedro e foi apadrinhado pelo Capelão, padre José Silvino de Magalhães Araújo. Sylvie Novais (soprano), Marta Soares (contralto), José Luís Alves (tenor), Salomão Marques (tenor), Mauro Carvalho (Baixo), João Abreu (baixo) e José Manuel Ferreira (compositor e maestro) são os membros deste grupo que tem as suas raízes na década de 90, imbuídos pelo espírito jovem das Jornadas Mundiais da Juventude e da Comunidade de Taizé. Depois de se terem juntado algumas vezes nas paróquias de que faziam parte, os elementos do grupo começaram a reunir-se com maior frequência para ensaios e avançaram para a solenização de cerimónias como casamentos e batizados. Os Effatha, que também solenizam as eucaristias das 10h00 e 12h00 do primeiro domingo de cada

mês, denominado "Domingo da Basílica Aberta", apresentam um repertório com diversos estilos musicais entre os quais se destacam a música contemplativa, o estilo gospel e música litúrgica e de mensagem.

Este concerto, com o tema "À tua porta... Misericordiosos como o Pai", contará ainda com a participação de grupos corais de diferentes localidades do Arciprestado de Guimarães e Vizela, bem como com um coro infantil. No evento, para além dos clássicos que costumam entoar, serão apresentadas algumas músicas originais.

No mesmo dia, será apresentada a escultura resultante do projeto "É preciso ter lata" e serão simbolicamente entregues às instituições de solidariedade os resultados dessa recolha solidária, que envolveu os vimeiraneses durante o mês de fevereiro. ●

CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA DO CONDE DE MARGARIDE PARA REINTERPRETAR A HISTÓRIA

"Um contributo para a reinterpretação da História de Portugal entre o segundo Constitucionalismo Monárquico e a 1.ª República, através de uma análise depurada do percurso do Conde de Margaride, considerado pelos coevos como o 'primeiro cidadão de Guimarães', assim define Abel Rodrigues a sua própria obra: "Conde de Margaride – correspondência política 1870-1918".

A ideia de concretizar este livro surgiu pela consciência que a família do Conde de Margaride sempre teve relativamente "ao valor informativo do arquivo da Casa do Carmo". "A ocasião determinante para a publicação deste livro surgiu em 2013 através do Dr. Álvaro Ferreira de Passos e do Dr. Luís Cardoso de Menezes, também eles descendentes do Conde de Margaride, que me endereçaram o convite para escrever uma biografia de Luís Cardoso Martins a partir dos documentos originais do Arquivo da Casa. O livro deve-se, em grande parte, ao esforço de ambos que souberam, também, congregar o decisivo apoio da família e, naturalmente, da Câmara Municipal de Guimarães para a edição deste livro", acrescenta Abel Rodrigues.

A obra contextualiza o Conde Margaride no seu tempo e espaço e relaciona-o com os percursos de figuras da vida política nacional com quem se correspondeu, como os reis D. Luís e D. Carlos, Fontes Pereira de Melo, Rodrigues Sampaio, João Franco, José Luciano de Castro, Alfredo Pimenta, entre outros. "Devem ser salientadas, inevitavelmente, as ligações constantes com a ilustre geração vimaranense responsável pelo progresso da cidade, como Francisco Martins Sarmento, Francisco Agra, Joaquim José de Meira, José da Cunha Sampaio e Alberto Sampaio. O conde de Margaride surge como um mediano entre o poder local e o poder central, capaz de procurar os equilíbrios necessários para efetivar o tão desejado progresso", esclarece o autor.

"Conde de Margaride – correspondência política 1870-1918" apresenta-se como uma oportunidade de acompanhar, em discurso direto, os bastidores da política nacional e da modernização do Reino e de Guimarães no período em questão. "O primeiro período da correspondência, entre 1870 e 1890, em plena Regeneração, marcada pelo rotativismo parlamentar, quando se assiste à luta partidária pelo poder tendo em vista a implementação de uma política de 'Melhoramentos Materiais', que foi muito mais do que a construção dos caminhos-de-ferro, como é usualmente referido" e "a correspondência com João Franco" são, segundo Abel Rodrigues, dois dos temas mais cativantes da obra. ●



ARTES PLÁSTICAS

VIMARANENSE TERESA ALMEIDA EXPÕE NA SUÉCIA

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

“DIALOGUES WITH LIGHT AND COLOUR” É O TÍTULO DA EXPOSIÇÃO QUE A ARTISTA VIMARANENSE TERESA ALMEIDA TEM PATENTE NO ESPAÇO THE GLASS FACTORY, NA SUÉCIA, ATÉ AO PRÓXIMO DIA 17 DE ABRIL.

“Nesta exposição apresento um conjunto de sete obras com vidro luminescente onde utilizei a técnica de kilncasting [casting e pâte de verre]. O interesse pela técnica de pâte de verre provém não só do seu aspeto e caráter técnico, mas também da sua característica estética. A ideia de fragilidade resulta do aspeto peculiar do vidro formado por partículas semelhantes a grãos aglutinados de açúcar. Na presença das peças, o espetador é possuído da sensação de que se quebram ao mais pequeno toque. Todavia, elas possuem estrutura bem mais consistente que a sua aparente fragilidade. Mais uma vez a analogia com o ser humano. Nem sempre a aparência de fragilidade corresponde a fraqueza. A força da humanidade não está na robustez física, mas sim na sua alma”, refere Teresa sobre a exposição.

A artista vimaranense, que percebeu “desde muito nova” que a arte iria fazer parte da sua vida, descobriu o vidro na Faculdade de Belas Artes do Porto, mas não foi “amor à primeira vista, porque já tinha entrado em contacto com a arte do vitral antes”. “Foi quando entrei pela primeira vez na catedral de Chartres que soube que seguiria esta via plástica. Ainda me recordo da bela

sensação da luz a iluminar os vitrais e as sombras coloridas que estes projetavam no chão”, acrescenta.

Teresa Almeida é atualmente professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde fez a Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura. Após ter terminado o curso seguiu com uma bolsa para Londres onde realizou duas pós graduações em Estudos Profissionais de Arte e Design - “Vidro e a Arquitectura” e “Vidro e as Artes Plásticas”, na Central Saint Martins College of Art and Design, Londres. Posteriormente, resolveu fazer o mestrado em Arte/Vidro na Universidade de Sunderland, Inglaterra, e ainda Doutoramento em Estudos de Arte na Universidade de Aveiro com o título: “O vidro como material plástico: transparência, luz, cor e expressão” com bolsa da Fundação Ciência e Tecnologia.

A vimaranense, que integra desde 2006 a Unidade de Investigação VICARTE (Unidade de Investigação Vidro e Cerâmica para as Artes da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa), é, neste momento, responsável pelo grupo de investigação “Criatividade e Materiais Contemporâneos”. Já viu

o seu trabalho reconhecido com a atribuição de várias distinções, nomeadamente o Prémio Femina, por mérito nas Artes Plásticas e Visuais em 2013, uma Menção Honrosa na Bienal de Artes Plásticas, Marinha Grande [2010-2008] e uma Menção Honrosa no Jutta Cuny Franz Memorial Award, Museum Kunst Palast, em Dusseldorf [2009].

Inglaterra, Hong Kong, Bélgica, Luxemburgo, EUA, Holanda, Dinamarca, Ucrânia, Brasil, Austrália e Itália são alguns dos locais que já receberam exposições da vimaranense que conta com diversas publicações em revistas internacionais e participações em projetos artísticos de igual dimensão.

Algumas das obras presentes na atual exposição foram vistas no ano passado em Veneza, em duas exposições, uma “Within Light/inside glass” no Palazzo Loredan e a outra “Land[light]Scape in a Venice in a bottle”, tendo a primeira transitado para a galeria da Fundação Millennium BCP, na rua Augusta, em Lisboa, onde esteve patente de setembro de 2015 a janeiro deste ano. Para o futuro, já há convite para mais uma exposição internacional, desta vez na Finlândia. ●



PUB

24
Horas ao
seu dispor



RIBEIRO & RIBEIRO
serviços funerários

INSTALAÇÕES

Largo República do Brasil
Loja 7, R/C 4810-250
Guimarães

253 516 792
917 268 696

BEM-VINDO AO FABULOSO MUNDO VIMARANENSE DOS BRINQUEDOS ANTIGOS

TEXTO: SOFIA PIRES • FOTOGRAFIA: SP / MAIS GUIMARÃES

ESTÁ AINDA PATENTE NO ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA UMA MOSTRA DE BRINQUEDOS ANTIGOS DA COLEÇÃO PRIVADA DE JÚLIO DE CASTRO. À DATA DA VISITA DO MAIS GUIMARÃES À EXPOSIÇÃO, MAIS DE 750 VISITANTES TINHAM IDO CONHECER OS EXEMPLARES EM FOLHA DE FLANDRES QUE VÃO REBUSCAR AS MEMÓRIAS DO PASSADO DOS MAIS VELHOS E QUE CRIAM CURIOSIDADE NA CABEÇA DOS MAIS NOVOS, HABITUADOS, HOJE EM DIA, A BRINQUEDOS MUITO MAIS SOFISTICADOS.

© ARMANDO TELMO



Guimarães já deu cartas

Em Portugal foram identificados 200 fabricantes de brinquedos e Guimarães já deu cartas no que diz respeito ao fabrico destes objetos.

Foi no número 145 da rua da Rainha que a coleção de brinquedos, agora exposta, esteve guardada em caixas durante muito tempo. Não havia espaço para os colocar à vista no estabelecimento, em pleno centro histórico, de Júlio de Castro, mais conhecido por Loja do Júlio Alfarrabista. Foi depois de uma conversa de café que um amigo do colecionador se lembrou de desafiar a direção do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta a organizar esta exposição. “Eles aceitaram e está lá desde dezembro. Nunca imaginei que isto ia acontecer e está fabulosa. Deve ter ficado caro e eu não tinha condições aqui para fazer uma exposição de brinquedos como aquela”, assume Júlio de Castro.

A coleção, que se divide entre os de chapa e de plástico, e soma mais de quatrocentos, começou com alguns brinquedos de infância que Júlio de Castro foi guardando. “Entretanto fui adquirindo outros através de pessoas que sabiam que eu gostava disto e vieram cá vender, outros foram comprados em feiras e outros comprados em diversos locais, até que se juntou aquela quantidade toda”, conta. Todos os brinquedos são especiais para o Júlio Alfarrabista que garante nunca ter feito contas ao que gastou. “Nem vale a pena”, atira.

Além dos brinquedos agora só coleciona livros. “Quando me apetece levo para casa aqueles que quero levar para casa e os que quero vender deixo-os

aqui. Também não faço contas aos livros senão estava perdido, tinha fechado a porta. Compra-se mais do que o que se vende”, confessa.

UMA VEZ CRIANÇA, TODA A VIDA CRIANÇA

Ontem, hoje e amanhã os brinquedos serão importantes aliados nas brincadeiras entre os mais pequenos. Júlio de Castro diz que os exemplares que tem “não dizem rigorosamente nada aos miúdos de hoje em dia”. “É mais para adultos recordarem aquilo com que brincaram”, considera.

Estes objetos ajudam a perceber o contexto socioeconómico, e até político, em que se vive, ao longo dos tempos. “Tudo isto faz parte da história de um país, da maneira como as pessoas brincavam e se divertiam. É uma forma de preservar histórias, memórias, sentimentos. Faz parte da vida”, refere Armando Telmo, outro colecionador aficionado. “Acreditem que é um passatempo muito agradável que nos faz viajar pela história da época em que foram criados e um enriquecimento significativo em termos de cultura”, acrescenta o vimaranense Quintino Costa, colecionador de carros em miniatura.

Os brinquedos chegaram a ser feitos de barro, madeira e cartão, mas o que verdadeiramente caracteriza a indús-

tria do brinquedo em Portugal, é a utilização da folha de flandres, precisamente o material de que são feitos os que estão patentes na exposição - são automóveis, autocarros, camiões e outros meios de transporte, carros de guerra, canhões, aviões, barcos, e muitos mais exemplares de brinquedos tanto nacionais como estrangeiros.

“Volta e meia ainda estou a brincar com algum. Dá-se-lhe a corda e começo a vê-los rodopiar. Dá um gozo danado”, confessa Júlio Alfarrabista enquanto mostra alguns brinquedos que tem expostos em vitrinas.

A introdução do plástico no brinquedo, a partir de meados do século XX, veio revolucionar a indústria e, até aos nossos dias, o brinquedo tem vindo a aprimorar-se cada vez mais apresentando uma forma muito diferente dos primeiros fabricados. “Como eu nasci na década de 50 foram os meus primeiros brinquedos de plástico, vendidos nas drogas e às vezes eram oferta em chocolates”, lembra Armando Telmo.

AS FÁBRICAS DE BRINQUEDOS VIMARANENSES

Há muitas tipologias de brinquedos, mas Armando Telmo interessa-se pelos primeiros brinquedos de plástico



Balde de Praia

Alguns brinquedos apresentam um trabalho de litografia como é exemplo este balde de praia.



produzidos em Portugal nos anos 50 e 60. É, por isso, que tem uma coleção relativamente grande de peças repetidas da Ribeirinho que decidiu colocar à venda no OLX há cerca de três meses. “Tenho tido pedidos de todo o país”, refere. Foi assim que a Mais Guimarães chegou ao contacto com este colecionador do Porto que deu a conhecer melhor a fábrica de plásticos que, a partir de Guimarães, ajuda a contar a história do brinquedo em Portugal. “É realmente icónica”, diz em relação à Fábrica de Pentes do Ribeirinho, fundada por Manuel Teixeira em 1905.

Da informação recolhida na internet sabe-se que esta empresa começou por fabricar pentes e ganchos em chifre de boi e que, em 1954, depois de adquirir máquinas de injeção de plástico, começou a produzir bonecas, berços carrinhos, cornetas, guizos...“A grande expansão da Ribeirinho acontece com a douragem e a cromagem do plástico, que não existia. Eles foram pioneiros disso em Portugal”, realça Armando Telmo.

Foi em 1992 que a concorrência feroz dos produtos “Made in China” levou à paragem definitiva desta fábrica que chegou a fazer muitos dos brinquedos que povoam o imaginário dos adultos de hoje. “Essa fábrica desapareceu e todo o acervo foi destruído e muita coisa se deve ter

perdido em termos documentais. Não há um catálogo da fábrica, só surgem elementos muito dispersos e o que vai aparecendo foi o que as pessoas guardaram”, conta.

Outra era a Fábrica de Plásticos Pátria, que ainda labora na Zona Industrial da Gandra, em S. Cláudio do Barco, mas já não fabrica brinquedos. António Costa começou, aos 14 anos, a trabalhar na antiga sede da empresa, a atual Casa da Memória, na Avenida Conde Margaride, em 1970. Além dos produtos utilitários e de decoração produzidos desde 1938, nesta fábrica, segundo este antigo trabalhador, a partir dos anos 80 começou a fabricar-se “uns camiões com carroçaria e peças que se podiam montar porque tinham diversos encaixes”. “Cheguei a levar mais do que um para o meu filho que agora tem 30 anos e era canalha na altura”, recorda. Era um dos 70 trabalhadores contratados para operar 20 máquinas, mas, depois de 45 anos de trabalho, há seis anos, saiu da fábrica e aposentou-se. “Aquilo não fechou, dispensaram pessoal. E já não faz brinquedos apesar de ter os moldes se resolverem um dia fazê-los.”

“Da Pátria tenho os barquinhos e um carrinho que me foi oferecido. Da Ribeirinho tenho o Volkswagen e os carrinhos de bebé, isto tudo plásticos”, acrescenta Júlio de Castro.

ALMA DE COLECIONADOR

Quintino Costa partilha com Júlio de Castro, um amigo de longa data, a paixão pelos brinquedos, mais concretamente pelos carros em miniatura. Acha que este fascínio talvez se deva ao facto de o pai ter tido uma oficina de mecânica e conta que quando ia cortar o cabelo recebia um carrinho por se ter portado bem. A maioria dos exemplares que guarda desde a infância é dessas idas ao barbeiro na rua de Santo António. “Na altura as prendas eram sempre mais uma miniatura e caso não fosse, para mim, não era considerada prenda”, lembra.

Assume que já desembolsou 500 euros por um carrinho e que, no total, já soma mais de 20 mil euros de investimento nesta coleção. É em casa que expõe as filas de carros divididas por secções temáticas: mundial de ralis, sport protótipos, Formula 1, História da Mercedes, anos 30 e 40, automóveis que marcaram uma época e Ferrari.

Muitos deles estão expostos no cantinho que preparou em casa para o efeito, mas outros já não tem onde os colocar e, à imagem do que acontece com a maioria dos colecionadores, acabam guardados em caixas. “Hoje em dia já são os amigos, sempre que fazem uma viagem, que me oferecem uma miniatura para contribuir para a coleção”, conta. ●

VW AR CLUBE

AMANTES DOS CAROCHAS CELEBRAM DIA DO PAI

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

O Núcleo de Carochas do Berço, que integra a VW Ar Clube de Portugal, organizou no passado dia 13 de março o seu encontro de carochas na Póvoa de Lanhoso, terra conhecida pelas grandes Festas de S. José.

A concentração aconteceu pela manhã, bem cedo, no Largo da Feira da Póvoa de Lanhoso com oferta de brindes aos participantes, oferecidos pelas Frutas S. Cristóvão, Super Primavera da Póvoa de Lanhoso, Vinhos Quinta da Igreja e da Cerveja Artesanal Amphora.

Houve depois uma visita ao Centro interpretativo Maria da Fonte onde os amantes dos carochas ficaram a conhecer um pouco melhor a história local. Pela hora de almoço, os carochas, saíram em caravana para a quinta Narcisus eventos para um almoço convívio.

Nesta concentração destaque para a presença do jornalista e escritor de turismo Vasco Callixto com 91 anos que nos anos 60 deu a volta à Europa e nos anos 70 deu a volta à África num carocha 1200cc.

O Núcleo de Carochas do Berço, presidido por José Alberto Ribeiro, foi criado em 2005 e tem atualmente em Guimarães 25 elementos. ●



EVENTO

PÁSCOA VOLTOU A SER MAIS BONITA E MAIS DOCE EM GUIMARÃES

FOTOGRAFIAS: CM GUIMARÃES

A exposição de Camélias e o certame Doçaria no Convento levaram, uma vez mais, muitos vimaranenses aos Claustros da Câmara Municipal, antigo convento de Santa Clara. Entre compras de doces para a Páscoa e deleites mais imediatos, houve ainda quem se perdesse nos encantos das camélias. A Mais Guimarães deixa-lhe algumas das imagens das duas iniciativas que já fazem parte da tradição da Cidade Berço. ●



MÉRITO

VIMARANENSES DISTINGUIDOS NAS 34^{AS} OLIMPIADAS DE MATEMÁTICA

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS



Inês Ferreira Guimarães, aluna do 12º ano do Externato Delfim Ferreira em Riba D'Ave, foi galardoada com a medalha de prata e Ricardo Ribeiro Pereira, aluno do 12º ano, da escola Didaxis, também em Riba D'Ave, foi distinguido com a medalha de bronze na 34.ª edição das Olimpíadas de Matemática, organizada pela Sociedade Portuguesa de Matemática.

Os jovens, que apesar de não estudarem em escolas do Concelho vimaranense, nasceram e moram na cidade berço, venceram as respetivas medalhas na final da categoria B. As Olimpíadas de Matemática caracterizam-se pela realização de uma prova de altíssimo nível de exigência, constituída por duas eliminatórias e uma final, onde se encontram os melhores dos melhores. Além da inteligência e do talento, os participantes treinam e trabalham intensamente ao longo do ano para poder aceder à final para aqui tentarem uma medalha.

Todos os vencedores das categorias A e B são convidados a integrar o Projeto Delfos, sediado em Coimbra, onde é levada a cabo a seleção e preparação das delegações que irão representar Portugal nas competições internacionais. As Olimpíadas Internacionais de Matemática terão lugar em Hong Kong, no mês de julho, e as Olimpíadas Ibero-Americanas de Matemática estão agendadas para o mês de setembro no Chile. ●

ANIVERSÁRIO

MARIA RITA DUARTE XAVIER: 90 ANOS DE HISTÓRIAS PARA CONTAR

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

MARIA RITA DUARTE XAVIER NASCEU EM GUIMARÃES NO DIA 15 DE MARÇO DE 1926. FILHA DE ANTÓNIO DA SILVA XAVIER E LAURA DUARTE GUIMARÃES, CASOU NO DIA 25 DE JULHO DE 1948 COM ALBERTO GOMES DA SILVA GUIMARÃES JUNIOR, QUE TEM ATUALMENTE 93 ANOS.



A festa de aniversário de Maria Rita, que contou com 110 pessoas, entre as quais se destacam o marido, irmãos, cunhados, filhos, netos, bisnetos e sobrinhos, decorreu no dia 19 de março num restaurante vimaranense.

Maria Rita, que estava visivelmente feliz e emocionada por marcar a data com a presença de grande parte da família, tem sete filhos, 14 netos e 13 bisnetos e a família contou à Mais Guimarães que ela recorda muitas vezes as reuniões de família na Quinta das Lameiras, as férias de verão passadas na Póvoa de Varzim e os muitos almoços e jantares na mesa comprida de sua casa com os filhos e os netos.

“A Vovó Rita para uns e Tia Ritinha para outros será sempre a Mamã de todos nós. É uma pessoa muito acarinhada pelos amigos e familiares desde os mais velhos aos mais novos. A simpatia e serenidade são características que representam a sua postura perante a vida. Com um sorriso e humildade, deixa sempre um bocadinho de si em todos aqueles que a rodeiam”, referem os familiares. ●



PUB



EQUIPA
AGOSTINHO SOUSA
☎ **962 191 318**

www.agostinhosousa.pt

KW BUSINESS
KELLERWILLIAMS

AM 7132



145.000 €
KW000522
S. Faustino, Guimarães
Moradia de 2 pisos em pedra, lote de 1460 m², amplo jardim. Próxima de Guimarães e de Vizela.



199.500 €
KW200447
Candoso, Guimarães
Moradia T3 com aquecimento central a gás/óleo, garagem fechada para 2 carros. Boa localização.



600.000 €
KW000055
Prazins, Guimarães
Fabulosa vivenda individual em terreno com 7000 m². Lugar sossegado e elevado, com vistas desafogadas.

ARTIGO DE OPINIÃO

A PALAVRA

TEXTO: ESSER JORGE SILVA • FOTOGRAFIA: JOAQUIM LOPES



Se há exemplo paradigmático no qual o usual tem a faculdade de parecer acessório, «a palavra» funda a mais fidedigna prova da banalidade em que transforma a realidade. Apesar de se constituir no mais primordial dos bens imateriais, a atenção pela «palavra» ocupa um lugar básico nas nossas preocupações. E todavia, ela é o fundamento de todos os fundamentos, a mãe de todos os começos, o elo de todas as ligações, o condutor de todos os fluxos. Sem a «palavra», dita ou escrita, nada mais resta; nenhuma relação se estabelece, nenhuma comunicação se processa, nenhum plano se elabora. Não é exagero dizer que sem «palavra» pouco distinguiria a humanidade dos restantes animais.

Apesar da sua onnipresença prática os sentidos do uso da palavra que lhe deviam erguer estátuas todos os dias, andam esconsos, ou melhor entaipados por novas urgências sensoriais: é mais fácil deixar os sentidos adormecerem na bebedeira das imagens, hoje servidas a todo o tempo e de vários modos, do que emprestar a atenção às palavras e à descodificação que elas nos proporcionam. Na voragem encantatória fornecida pela tecnologia damos-nos conta que nada do que acontece sem imagem acontece verdadeiramente. Daí termos hoje uma sociedade que parece abandonar o sentido da palavra dita em copresença, trocando-a pela palavra como acessório da imagem: fotografias de jornais maiores do que a notícia, telegráficos rodapés de televisão.

A cena é uma espécie de etnografia da atualidade: duas pessoas sentam-se numa mesa seja um restaurante, seja um bar ou um café. Por vezes chegam de mãos dadas ou mesmo em íntima fricção. Antes que o cardápio lhes chegue às mãos ou que os olhos de ambos

captem a imagem do rosto do outro, ou mesmo que as imaginárias feromonas avancem em acelerado magnetismo, a urgência do pedido dirige-se para a password da internet. E depois é vê-los ali, cada um abandonado à sorte da sua cadeira, compenetradíssimos em ocorrências longínquas, absolutamente alheios um ao outro, virtualmente vagamundeando. Daí a pouco, antes de jantar, fotografarão o prato gourmet cuja imagem oferecerão ao mundo numa dessas redes. E assim, possuídos pela intensa felicidade do silêncio entre si vão-se, polegarizando furiosamente por aí.

Num outro plano temos a palavra escrita a caminhar cada vez mais para um utensílio de formalidades. Nas organizações em geral é moda inundar as caixas de mensagens de toda a gente, inclusive os que nada têm a ver com a mensagem, só para que o emissor se sinta seguro de que o receptor não negará ter recebido a notícia. Isto é, ao dar conhecimento a toda a comunidade que o cerca o emissor salva a sua pele de eventuais problemas futuros. Não lhe ocorre contudo que também na comunicação o exagero é mau conselheiro gravando-se na sua atitude a fórmula de Pedro e o Lobo: um dia quando a mensagem for efetivamente importante ninguém a lê.

Nesta dança em que a palavra parece ter-se subsumido no silêncio das relações e a frieza da tecnologia constituída da quintessência existencial, vão surgindo aqui e ali focos de reuniões entre pessoas cuja finalidade baseia-se no mais simples dos objetivos: usar a palavra para provocar a consciência coletiva e emular pensamento com vista a encontrar soluções. Tal vem ocorrendo em Guimarães com os “Colóquios para a Cidade”, organizado por um grupo de cidadãos mas também

em Braga com a “Nova Ágora” organizado pela Arquidiocese local.

No início de Março a “Nova Ágora” organizou um debate com Laborinho Lúcio, António Guterres e Marçal Grilo. O tema centrou-se em “Olhares sobre a Educação”. Cerca de um milhão de pessoas assistiu a tal debate. Ali era a palavra, eram as ideias, era conhecimento partilhado em sistema aberto porque também pronto a escutar. Para além de ter sido um quadro esclarecedor - e também estupefacente - sobre o atual estado do ensino e da educação, foi também a prova de que em Portugal há quem pense, quem saiba explicar o que pensa, saiba diagnosticar o mal e, hélas, tenha ideias muito claras sobre os problemas e as mudanças necessárias para se intervir no quadro da uma educação decente, quiçá, o maior problema de Portugal. Não sendo a mais importante revelação ali tratada, explicou António Guterres que, em 1995, nas vésperas de ser primeiro-ministro, entendia que agir sobre a educação devia constituir o grande desígnio de Portugal. Mandado fazer um estudo sobre as prioridades portuguesas, estes colocaram a educação em quarto lugar, atrás da habitação, o emprego e a saúde. Nesta eloquente hierarquia do primado das políticas os portugueses, estes não se dão conta de que todos os seus anseios são consequência da educação. Mas a educação, ao contrário da saúde, da casa ou do emprego, não é consequência de nada; deriva exclusivamente da vontade humana. Resulta do esforço e da abnegação. Só ela transforma e inscreve mudança no corpo e na mente. E a toda a transformação começa com a palavra. ●

Esser Jorge Silva

VICTOR HUGO PONTES

DA DANÇA
E OUTRAS
LINGUAGENS

TEXTO: CATARINA CASTRO ABREU
FOTOGRAFIA: JOAQUIM LOPES



Começou no Grupo Folclórico da Casa do Povo de Creixomil, freguesia de onde é natural, porque quando era jovem era assim: um rapaz que quisesse aprender dança ou ia para o ballet ou para o rancho. Victor Hugo foi para o rancho e foi desde então que desenvolveu uma série de facetas que fazem dele um dos maiores coreógrafos da atualidade.



© JOAQUIM LOPES

Faz-me um resumo do teu CV.

O meu percurso artístico começou no teatro, em Guimarães, quando ainda frequentava o ensino secundário. Fiz a Oficina de Dramaturgia e Interpretação que originou o Teatro Oficina, entre 1994 e 1998, tinha 15 anos, estava no 11.º ano. Depois inscrevi-me em dois cursos, no Porto, e frequentei os dois ao mesmo tempo: o curso de Artes Plásticas – Pintura da Faculdade de Belas Artes e o curso profissional de Teatro do Balletteatro Escola Profissional. Em horário pós-laboral fiz ainda o curso do Teatro Universitário do Porto. Decidi adiar um pouco o que queria ser.

Mas já sabias o que querias ser?

Não. Acho que nunca soube o que queria ser nem agora sei o que quero ser. Sei o que faço. Isso é diferente. Aquilo que nós fazemos revela aquilo que somos mas não é tudo o que somos. O meu percurso não foi uma coisa pensada e estruturada. Se me dissessem, há 22 anos, que eu ia ser coreógrafo de certeza que não acreditava.

Porque é que optaste por estudar áreas tão diferentes?

Não sentia que fossem diferentes. Ainda hoje não sinto que sejam diferentes.

Mas quando disseste aos teus pais que ias para escolas diferentes ao mesmo tempo que reação tiveram?

Para os meus pais, o curso que eu estava a tirar era o de artes plásticas e de teatro, que para eles sempre funcionou como um part-time até eu chegar ao terceiro ano. Fiz uma audição para fazer uma figuração no Teatro Nacional São João. Não podia fazer uma cadeira mestra do curso.

Foi aí que se deram conta que o teatro não era part-time e que era uma coisa que eu queria mesmo fazer. Até porque na cabeça de muitas pessoas ser ator ou bailarino não é uma profissão a sério. Quando, na verdade, se trabalha mesmo muito. Estuda-se muito, trabalha-se muito. Deixaram de me pagar os estudos não por vontade deles mas por vontade minha porque estava a seguir um rumo com o qual eles não concordavam.

Mas houve um frisson entre vocês?

Não que eles não me apoiassem. Os pais querem sempre o melhor para os filhos e achavam que não era uma coisa muito segura. Achavam que eu ia terminar as belas artes e ia ser professor. O que é outra coisa ridícula: as pessoas vão para belas artes para serem artistas, mas os outros têm a expectativa de que sejam professoras.

Como começa a dança?

Entretanto terminei os dois cursos e fui convidado como ator para entrar em dois espetáculos de dança. Foi uma experiência muito forte porque a dança aglutinava muitos conceitos que tinha durante o curso das belas artes e de teatro. Chamava-se “Là où je dors”, da Isabel Barros.

Foi esse o twist na tua vida?

Não é bem um twist. Foi em 2002 que isso aconteceu e eu tinha 24 anos. Mas foi aí que decidi que ia aprofundar os conhecimentos em dança. Foi aí que fiz o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum de Dança. Na altura achava-me muito velho para dançar – porque não tinha formação de base em dança – mas pensei “coreógrafo posso ser”. Durante o curso também me deram a volta.

Não era bem assim.

Sim. Era possível dançar com as minhas limitações e são essas limitações as especificidades do meu trabalho. O que à partida podia ser um handicap transformou-se numa mais-valia. Terminei esse curso. Íamos fazendo pequenos projetos e numa dessas apresentações fiz a minha primeira peça coreográfica.

Começou uma luta.

Iniciei um trabalho de produção enorme em que ligo para os lugares dizendo “eu tenho um projeto”. No início é tudo mesmo muito difícil. Os programadores não nos recebem. São sempre as secretárias, que nunca passam as chamadas. Envolveu um grande investimento da minha parte em que eu ligava para as pessoas. Tinha um quadro com todos os programadores dos teatros e que materiais tinha enviado. Até que o meu trabalho começou a falar por mim. A seguir fiz o curso de Encenação de Teatro da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2004. Graças a isso fiz uma peça minha que teve boas reações. E em 2006 inscrevi-me na École de Maîtres, dirigida por Pippo Delbono na Bélgica e em Itália.

Paralelamente, desde 2003, ia construindo espetáculos que não eram de uma noite inteira, partilhava a noite com alguém. Só em 2006 é que construí um espetáculo para uma noite inteira.

Que outras coisas marcaram o teu percurso?

Fui assistente de encenação do Nuno Cardoso durante dez anos e fizemos 20 espetáculos em Portugal e no estrangeiro. Não é uma formação oficial mas foi onde aprendi imenso. Percorremos grandes estruturas, comecei um miúdo. Trabalhava meio ano com o Nuno e outro meio ano nos meus projetos. Dava para fazer dois para ele e dois meus e fazer outras coisas como dar aulas: dei aulas de interpretação no Balletteatro. Neste momento dou essas aulas no curso de Teatro da Universidade do Minho.

Estiveste sempre muito envolvido no teatro.

Sim. Eu começo no teatro. O que aconteceu é que desde o início os meus espetáculos eram programados em festivais de dança.

© JOAQUIM LOPES





© JOÃO TUMA



© JOSÉ CALDEIRA

Porquê?

Porque misturava mais linguagens. As pessoas têm muita dificuldade em rotular o meu trabalho. São espetáculos que comunicam, procuro a forma mais eficaz de comunicar naquele momento. Começaram a associar-me muito à dança e, sem dúvida, que, depois, os meus espetáculos foram ficando cada vez mais físicos. Ultimamente até fazia essa separação: “Isto é mesmo dança, isto é mesmo teatro”. Na peça que estreei no último GULDANCE [“Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a” que parte de “A Gaivota”, de Anton Tchekhov], voltei a inverter a lógica toda. Quando as pessoas pensavam que eu tinha encarreirado, voltei a trocar as voltas todas.

E porque é que quiseste baralhar as pessoas?

Eu não procuro baralhar ninguém. Eu tenho aquele conceito. Vou usando as minhas ferramentas e é isso que me define.

Quando é que achas que faz sentido ires para o palco?

Trabalho como intérprete em diferentes contextos. Sou ator noutras companhias, nos últimos tempos trabalhei sobretudo com o Teatro do Vestido. Nas minhas peças entrei como intérprete muito ao início, depois quando tive elencos maiores decidi estar de fora. Há muita coisa a gerir mas na última peça acabei por entrar [no “Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a”] por uma questão orçamental.

Então isso também conta.

É fundamental. Temos que gerir orçamentos. Existe sempre muita relutância em falar de dinheiro nas artes. Mas as pessoas estudaram, têm formação, têm que ser pagas. Estes projetos envolvem muito dinheiro porque significam três ou quatro meses de trabalho com 10 15 pessoas a trabalhar. Há investimento intelectual e físico. Isto interfere nas opções artísticas que posso tomar.

Isso retrai-te enquanto criador?

Claro que temos a questão de fazer “com” ou “sem.” Quando não temos dinheiro fazemos “sem”, sendo que um “sem” total não existe. Porque as pessoas têm que ser pagas pelo que estão a fazer. É difícil começar. Eu sei bem disso: comecei a entregar flyers nas ruas vestido de palhaço para pagar os estudos, usando a técnica de andas, o que me deu um conhecimento enorme no sentido de lidar com conceitos e técnicas diferentes. E neste momento tenho a minha própria estrutura de produção mas não é uma companhia.

Mas gostavas de ter uma companhia?

Não. Para mim o conceito de companhia está desatualizado. Significa que durante o ano inteiro teriam de trabalhar comigo e não podiam trabalhar fora. Acho muito importante que os intérpretes trabalhem com outras pessoas, com outras linguagens.

Neste momento sabes que tens a segurança de ter sempre trabalho?

Tenho que reunir as condições. Tenho uma ideia e tenho que apresentar essa ideia aos programadores. Daqui a dois anos vou fazer este projeto – são sempre prazos muito extensos. Claro que as pessoas já entram sem saber. Mas é porque têm confiança no meu trabalho, as pessoas sabem que o meu trabalho tem qualidade. A questão de gosto é outra coisa. Quando chegas a esse nível de poderem apostar em ti sem ter o objeto é muito bom.

Desde quando consegues isso?

Desde 2011.

És de onde aqui em Guimarães?

Sou de Creixomil, foi lá que comecei no Grupo Folclórico da Casa do Povo de Creixomil, onde estive até entrar no teatro. A dança foi uma coisa que sempre quis fazer. Havia a Academia de Música e Bailado de Guimarães mas os meus pais não tinham como pagar, tinham outras prioridades para os filhos que não este tipo de hobby, eu tinha o rancho em que não pagava. E para um rapaz fazer dança... ainda havia muitos preconceitos. Não se podia dizer: “Eu quero ir para o ballet”. E dança era ballet. Depois de Guimarães, fui para o Porto e é lá que tenho casa. Dependendo dos projetos, não estou fixado em lado nenhum.

GMR TV

VOX POP: ONDE SE ENCONTRA O MAIOR PODER DE LIDERANÇA? NO HOMEM OU NA MULHER?

TEXTO: GMR TV

Na sociedade desde sempre existiram diferenças entre os homens e as mulheres, quer em cargos empresariais, quer nas lidas de casa.

Embora os tempos estejam cada vez mais evoluídos e as oportunidades entre ambos os sexos estejam cada vez mais equilibradas, ainda há quem ache que em certos casos a mulher é mais discriminada que o homem.

A Guimarães TV saiu à rua para recolher a opinião dos vimaranenses, sobre a liderança masculina e feminina. As opiniões dividem-se, mas ainda há quem ache que deveria haver maior igualdade de género.

gmr tv
veja a reportagem
na íntegra em gmrtv.pt

26

DIA MUNDIAL DO TEATRO

CENTENAS DE IDOSOS ASSISTIRAM A PEÇA HUMORÍSTICA

Mais de oito centenas de idosos, pertencentes a 31 instituições de solidariedade social do Concelho, assistiram no Multíusos de Guimarães à exibição da peça "O Enxota Diabos", uma comédia em 3 atos, com encenação de Luís Almeida, realizada no âmbito das comemorações do Dia Mundial do Teatro, promovidas pela Câmara Municipal de Guimarães.

A comemoração do Dia Mundial do Teatro, celebrado no âmbito das atividades da Terceira Idade, contou com a colaboração da Fraterna, Rede Social, Tempo Livre e das instituições de apoio a idosos.

OFICINAS DA ÁGUA

MAIS DO QUE H₂O

TEXTO: CATARINA CASTRO ABREU • FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

CRIANÇAS COM IDADES ENTRE OS CINCO E OS 13 ANOS SÃO CONVIDADAS A SABER MAIS SOBRE ÁGUA, ESSE BEM ESSENCIAL À VIDA. O CONVITE É DA VIMÁGUA, A EMPRESA INTERMUNICIPAL DE ÁGUA E SANEAMENTO, PERTENCENTE AOS MUNICÍPIOS DE GUIMARÃES E DE VIZELA, QUE CRIOU NA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DE SANTA EUFÉMIA DE PRAZINS UM ESPAÇO PARA EXPLICAR AOS MAIS JOVENS QUE A ÁGUA É MAIS DO QUE H₂O. CHAMA-SE OFICINAS DA ÁGUA.



“Os miúdos são pró-ativos. Já tínhamos levado a cabo algumas ações para as crianças mas se só puderem ver e não puderem manipular não conseguimos captar-lhes a atenção”, diz Armindo Costa e Silva, presidente do Conselho de Administração da Vimágua. Por isso, a empresa investiu num espaço “onde, por exemplo, existem LED’s em que podem visualizar aquilo que está a ser manipulado no microscópio”. “As crianças gostaram muito da experiência e estamos muito entusiasmados com esta nova valência”, avalia este responsável após a inauguração daquele espaço.

Já para o presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Domingos Bragança, o investimento de 20 mil euros nas Oficinas da Água é “um esforço financeiro reduzido” face aos benefícios que a iniciativa traz para o ambiente. A iniciativa tem como objetivo dar a perceber como se afere a qualidade da água, informar sobre a importância do investimento em sistemas públicos de água e saneamento para a saúde pública, ambiente e para a qualidade de vida da população. A preservação e racionalização da água é outro objetivo deste novo

espaço, que irá ensinar o respeito pela biodiversidade e pela manutenção do equilíbrio dos ecossistemas existentes, além de constituir um centro de referência em práticas lúdico-pedagógicas na descoberta dos mistérios que a água incorpora.

As Oficinas da Água estão disponíveis para grupos com um mínimo de 10 elementos e um máximo de 30. O agendamento das visitas pode ser requerido através de endereço eletrónico da Vimágua ou por correspondência postal.

A cada ano a UN-Water, entidade que coordena o trabalho das Nações Unidas no que respeita à água e saneamento básico, estabelece um tema que corresponde a um desafio, presente ou futuro. Este ano o tema lançado é “Água e Emprego” – “Better water, better jobs”. Presentemente, cerca de metade dos trabalhadores a nível mundial – 1.5 biliões de pessoas – trabalha em setores relacionados com a água e quase todas as áreas de atividade dependem de água e, conseqüentemente, estão também dependentes daqueles que garantem a segurança da água para consumo. ●

REFOOD

COMBATER O DESPERDÍCIO ALIMENTAR

TEXTO E FOTO: CATARINA CASTRO ABREU



A REUNIÃO DE SEMEITEIRA DO REFOOD GUIMARÃES JÁ TEM DATA E LOCAL: SÁBADO, 16 DE ABRIL, PELAS 15H00, NO ANFITEATRO D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR, MAIS CONHECIDO POR AUDITÓRIO DA COLEGIADA DE N^a S^a DA OLIVEIRA, EM PLENO CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES (JUNTO À ENTRADA DA CRECHE DA OLIVEIRA).

27

A “reunião de sementeira” é um dos primeiros passos da criação de um núcleo Refood. Consiste numa reunião pública, aberta à participação de todos os interessados, durante a qual o projeto é apresentado à comunidade e onde serão recrutados futuros voluntários e gestores do projeto. O evento contará com a participação de Hunter Halder, norte-americano a viver em Lisboa e fundador do projeto Refood, e ainda com padrinhos vimeiranos que já acarinharam este desafio.

O Refood é uma organização independente, orientada por cidadãos, 100% voluntária, uma comunidade de caridade eco-humanitária, que trabalha para eliminar o desperdício de alimentos e a fome em cada bairro. O objetivo do projeto Refood passa por reduzir o desperdício de alimentos preparados

e a fome ao mínimo, recolhendo os excedentes alimentares e distribuindo-os por famílias carenciadas, enquanto aumenta a solidariedade comunitária.

O grupo de pioneiros do núcleo Refood de Guimarães já está a dar os primeiros passos para a criação formal do núcleo vimeirano. Nesta fase, multiplicam-se os apelos na página de Facebook do Refood Guimarães para captação de voluntários. O núcleo convida tanto os cidadãos em particular como empresas e associações a juntarem-se a este esforço comunitário de redução de desperdício alimentar.

O Refood é um movimento comunitário independente, 100% voluntário, conduzido por cidadãos e integrado numa IPSS, cujo fim consiste na recuperação de comida em boas condi-

ções para alimentar pessoas necessitadas. Está totalmente voltado para a comunidade e opera a partir da própria comunidade, sem salários, com custos baixos e alta produtividade, não detendo bens ou investimentos que não sirvam a sua missão. A missão do Refood é eliminar o desperdício alimentar e acabar com a fome, incluindo neste esforço todos os membros da comunidade. O objetivo de desenvolver um novo núcleo é trazer os benefícios comprovados do projeto para a comunidade local, reduzindo, deste modo, o desperdício de alimentos preparados e a fome ao mínimo enquanto aumentando a solidariedade comunitária. Após a criação de 25 núcleos a nível nacional, o Refood chega agora a Guimarães, um dos quase 40 núcleos em formação a nível nacional e internacional. ●

PUB



MOMENTOS ÚNICOS
MOMENTO PARA SEMPRE

Reportagem de eventos e Reportagem Geral.
Sessões Fotográficas de moda,
glamour, sexy ou outras.
Books e Webbooks

JLIMAGENS - FOTOGRAFIA E VIDEO

Rua Teixeira Pascoas 551 - Guimarães - www.jlimagens.com - 253-096473

Junta de Desenvolvimento Urbano - Arouca

139.º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE GUIMARÃES

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães comemorou em março o seu 139º aniversário. As celebrações da efeméride tiveram início no dia 12 e terminaram no fim de semana seguinte com a reali-

zação de diversas iniciativas, entre as quais se destacaram a cerimónia de imposição de medalhas, a bênção de duas ambulâncias, uma aula solidária de zumba e ainda a realização de um workshop de Suporte Básico de Vida.

Durante as comemorações do 139.º aniversário foi entregue a medalha de Serviços Distintos - Grau Ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses ao presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Domingos Bragança. ●

Para além do reconhecimento atribuído ao presidente do Município, também foram distinguidos:

MEDALHA DE EFETIVIDADE - GRAU BRONZE - 05 ANOS - DA DIREÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE GUIMARÃES

Bombeira 3ª

Daniela Maria Almeida Miranda
Voluntária N.º 37

Bombeira 3ª

Anabela Oliveira Cardoso
Voluntária N.º 28

Bombeiro 3ª

David Alexandre Marques Cunha
Voluntário N.º 39

MEDALHA EXEMPLAR COMPORTAMENTO GRAU PRATA - 10 ANOS - DO COMANDO

Oficial Bombeira 2ª

Ana Maria Macedo Pinto Fernandes
Voluntária N.º 87

Bombeiro 3ª

João Alberto Abreu Silva
Voluntário N.º 137

Bombeiro 3ª

Álvaro Filipe Castro Rodrigues Nunes
Voluntário N.º 07

Bombeira 3ª

Rosa Cristina Lopes Leite
Voluntária N.º 120

Bombeiro 3ª

Paulo Ricardo Mendes Fernandes
Voluntária N.º 113

MEDALHA EFETIVIDADE GRAU PRATA - 15 ANOS - DA DIREÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE GUIMARÃES

Bombeiro 1ª

Manuel das Neves Martins
Voluntário N.º 185

MEDALHA DE EFETIVIDADE - GRAU OURO - 25 ANOS - DA DIREÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE GUIMARÃES

Subchefe

Abel Eduardo Pereira Oliveira Freitas
Voluntário N.º 177

Subchefe

Manuel Jorge Faria da Costa
Voluntário N.º 171

Bombeiro 3ª

José Sousa Araújo
Voluntário N.º 64

Bombeiro 3ª

Manuel David Sousa Azevedo
Voluntário N.º 40

LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

MEDALHA DE ASSIDUIDADE GRAU COBRE - 05 ANOS

Bombeira 3ª

Daniela Maria Almeida Miranda
Voluntária N.º 37

Bombeiro 3ª

David Alexandre Marques Cunha
Voluntário N.º 39

MEDALHA ASSIDUIDADE GRAU PRATA - 10 ANOS

Oficial Bombeira 2ª

Ana Maria Macedo Pinto Fernandes
Voluntária N.º 87

Bombeiro 3ª

João Alberto Abreu Silva
Voluntário n.º 137

Bombeiro 3ª

Álvaro Filipe Castro Rodrigues Nunes
Voluntário n.º 07

Bombeira 3ª

Rosa Cristina Lopes Leite

Voluntária N.º 120

Bombeiro 3ª

Paulo Ricardo Mendes Fernandes
Voluntário N.º 113

MEDALHA DE ASSIDUIDADE GRAU OURO - 15 ANOS

Bombeiro 1ª

Manuel das Neves Martins
Voluntário N.º 185

MEDALHA DEDICAÇÃO GRAU OURO - 25 ANOS

Subchefe

Abel Eduardo Pereira Oliveira Freitas
Voluntário N.º 177

Subchefe

Manuel Jorge Faria da Costa
Voluntário N.º 171

Bombeiro 3ª

José Sousa Araújo
Voluntário N.º 64

Bombeiro 3ª

Manuel David Sousa Azevedo
Voluntário N.º 40

CONDECORADOS COM O CRACHÁ DE OURO DA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Comandante

Bento Rodrigues Marques

2º Comandante

Joaquim José Teixeira de Oliveira

Chefe

António José Simões Ribeiro

CONDECORADO COM A MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS GRAU PRATA DA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Bombeiro 1ª

Carlos Miguel Silveira Sousa Cecílio
Voluntário N.º 13

A TORRE DA ALFÂNDEGA

DAS ORIGENS
AO DIA
DE HOJE



Há muito que tinha prometido escrever, “com mais vagar”, no blogue Memórias de Araduca, sobre a Torre da Alfândega. Cumpre-se agora uma promessa que tardou mais de cinco anos para ser cumprida. Aqui se partilham algumas informações que podem ajudar a iluminar a discussão em curso sobre este monumento, tendo em vista uma solução que só precisa de bom-senso e de consenso.

A estrutura defensiva de Guimarães, circunscrita inicialmente à pequena Vila do Castelo, foi acrescentada, entre a segunda metade do século XIII e as duas primeiras décadas do século XIV, com uma segunda cerca fortificada, com as suas muralhas, torres, cava e portas, que contornou o burgo conhecido por Vila de Baixo, que fora crescendo em volta da Colegiada. Das torres que então foram erguidas, umas tinham funções de vigilância e de protecção das portas de acesso à vila, que ficavam no seu

interior - torres da Senhora da Guia, da Porta da Vila e de S. Bento ou Santa Luzia. Outra, a Torre dos Cães, implantada sensivelmente a meio do pano de muralhas ainda visível na actual Avenida Alberto Sampaio, tinha exclusivamente funções de vigilância. As restantes, a Torre Velha e a Torre da Alfândega, não abrigavam portas, embora vigiassem os acessos a portas que foram abertas na muralha depois da sua construção - a porta da Torre Velha e a Porta Nova ou Postigo do Anjo, esta já Toural.

Também conhecida por Torre das Biscaias, nome que teria tomado do local onde foi implantada, ficaria mais conhecida como Torre da Alfândega, depois de nas suas imediações ter sido erguido o edifício da Alfândega de Guimarães (em cujo topo esteve, originalmente, a estátua do Guimarães das duas caras, actualmente na praça da Oliveira). É o ponto da cerca fortificada de Guimarães situado mais

a Sul e mais afastado do Castelo. Tinha uma planta quadrada em U, aberta do lado que, a Norte, confronta com o interior da vila, e fechada nos três lados voltados para o exterior da linha de muralhas. Cada um dos seus muros tinha oito palmos de largura (aproximadamente 1,80 metros) e quarenta palmos de comprimento (quase 9 metros). Não se pode dizer ao certo qual seria a sua altura original. Não andaremos longe da verdade se dissermos que deveria ter, pelo menos, o dobro da altura da muralha, que tinha cerca de nove metros.

Durante o tempo em que a cerca de muralhas cumpriu a sua função primordial de proteger o burgo dos ataques dos inimigos em tempo de guerra, a administração local cuidava atentamente da sua conservação e não permitia que fosse utilizada para outros fins que não aqueles para que fora erguida. Depois da Guerra da Restauração, que se estendeu até 1668,

altura em que, pela última vez, a Câmara investiu muitos cuidados e meios na reparação dos muros e das portas, a estrutura medieval de defesa de Guimarães foi-se tornando obsoleta, em larga medida porque a vila crescia, cada vez mais, para o espaço extramuros. A partir daí, a velha muralha e as suas torres começaram a arruinar-se e a ser apropriadas para uso privado.

Em 4 de Agosto de 1767, o rei D. José I fez publicar uma resolução que permitia o aforamento de terrenos públicos para edificar casas, de modo a propiciar o crescimento cidades e vilas do Reino, constituindo-se prazos fateusins ou enfitêuticos, processo pelo qual o domínio útil do chão era transferido para particulares, mediante o pagamento às Câmaras do correspondente foro ou renda, que era estipulado depois de uma avaliação promovida pelo Provedor da Comarca, com participação do Procurador da Câmara.

Com base nesta resolução régia, o processo de aforamento dos terrenos encostados à muralha de Guimarães para construção de casas recebeu um impulso significativo. A Torre da Alfândega e terrenos confinantes não escaparam a este destino. O primeiro emprazamento conhecido, feito a favor de Cristóvão Dias de Castro, tem a data de 11 de Dezembro de 1793, e consta de “um terreno que foi do público, para edifício de dois portais nas casas do Postigo, freguesia de S. Paio, desta cidade”. As suas confrontações eram as seguintes: do lado do nascente com a rua pública que ia em direcção aos Açougues; pelo poente com casas que já pertenciam a Cristóvão Castro e pelo norte com a rua do Postigo de S. Paio. A sul, confrontava com “o muro da vila que se segue junto à Torre da Alfândega”.

Os direitos referentes a este contrato de emprazamento, que corresponde aos actuais números 25 a 31 da actual rua do Anjo, passarão, por herança, para uma filha do primeiro enfitente, Maria Rita de Castro, que, em final de Maio de 1808, os vendeu a uma senhora chamada Maria Luísa. Esta, logo a seguir, requereu a adjudicação do terreno da muralha para utilizar como fundo das casas que tencionava mandar erguer naquele local. Este terreno englobava o vão da muralha e o respectivo muro. A adjudicação foi feita por sentença de 10 de Outubro de 1808, após a correspondente avaliação. O prazo tem a data de 24 de Dezembro, tendo obtido confirmação régia em 20 de Março de 1809.

Entretanto, uma provisão régia de 6 de Dezembro de 1800, havia autorizado o juiz de fora e a Câmara de Guimarães a demolirem os muros e as torres da cerca de Guimarães, para se usar a sua pedra em reparações das vias públicas e dos aquedutos que abasteciam a vila. A Torre da Alfândega começará a ser demolida em 1812. Em finais de Setembro desse ano, depois de se



01 - A Torre da Alfândega como painel publicitário, c. de 1924 [Fotografia da Coleção da Muralha]

verificar que a pedra de perpianho obtida desta demolição era demasiado mole para servir nas calçadas, esta foi vendida em hasta pública, tendo sido arrematada a José Antunes Veloso Guimarães, que pagaria 775 réis por cada carro de pedra.

Passado um ano, prosseguia a demolição da torre. No dia 25 de Setembro de 1813, a Câmara decidiu mandar reparar as calçadas da vila que se encontravam em mau estado. À falta de dinheiro, foi então decidido que seriam vendidos 50 carros de pedra da Torre da Alfândega, revertendo a correspondente receita para custear aquelas obras. Em hasta pública, a pedra foi arrematada por 20\$000 por um vizinho da rua do Postigo, Bernardo Francisco.

Nos anos seguintes a demolição continuaria. No final de Janeiro de 1816, o tesoureiro da Câmara prestou conta da receita do produto da pedra arrematada para conserto das calçadas, em que apareciam duas verbas referentes à Torre da Alfândega, uma paga por João Lemos, outra por Maria Luísa, a titular do emprazamento dos terrenos da torre e confinantes. Há ainda notícia de uma nova venda de pedra desta torre em Dezembro de 1819, desta vez a José Luís Lopes, da freguesia de S. Vicente de Passos,

A casa com os números 25 a 31, que englobava o terreno da Torre da Alfândega, foi posta em hasta pública em 14 de Junho de 1834, tendo sido adjudicada a Bernardo de Sousa, por conta de dívidas contraídas pelo viúvo de Maria Luísa. Na avaliação a que então se procedeu, o lote aparece descrito e como “uma morada de casas e seu terreno dentro da torre”.

Em Outubro de 1841, este edifício, assim como o n.º 33 da mesma rua, foram adquiridos, em compra judicial, por José António Peixoto de Lima, com procuração da sua mãe, Antónia Joaquina.

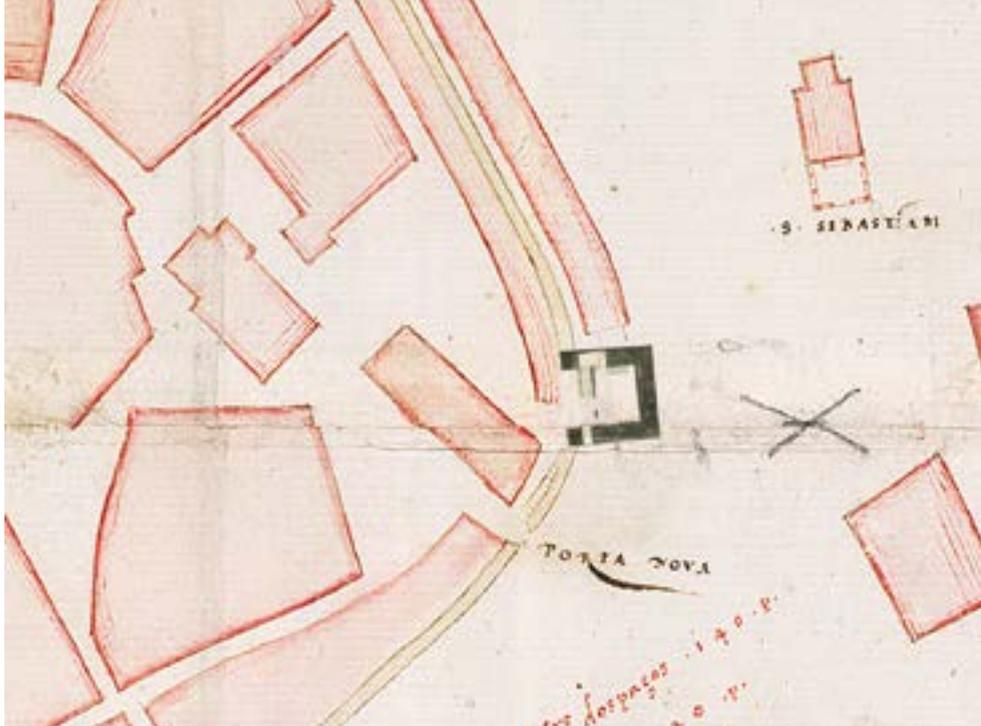
À altura daquela venda, o n.º 33, pertencia a Maria Rosa de Sousa, menor. Na avaliação que então foi feita, consta que incluía um troço da “antiga muralha e vão da mesma”, e no acto da venda foi apregoado como sendo uma “morada de casas, vão e torre e sua pedra”. Esta transacção teve o consentimento da Câmara em 7 de Maio de 1851, ficando então claro que o conjunto de imóveis que passou para a posse de Antónia Joaquina se compunha de “casas, vão de torre, pedra e muralha”.

Aquando do seu casamento, em 1844, José António Peixoto de Lima recebeu da sua mãe, em dote, as casas números 25 a 31 da rua do Anjo, assim como metade do vão da torre e da pedra que existisse nesse terreno, na torre e na muralha.

Em 1873, por falecimento de José António Peixoto de Lima a casa com o n.º 33 passou para a posse da sua filha Filomena. Quando esta morreu, foi herdada pela sua mãe, Cândida Filomena Morais Lima, que lhe sobreviveu e que a transmitiria ao seu filho, o Padre Francisco Peixoto de Lima.



Entretanto, com o curso do tempo, foram erguidos novos edifícios dos lados nascente e poente da Torre, que por ela alinharam as suas fachadas. Deixaram de ser visíveis



02 - A Torre da Alfândega, assinalada [a preto] sobre planta de Guimarães de c. 1569.

as suas faces laterais e, com o tempo, muitos acabariam por julgar que se tratava de um troço da antiga muralha, que na verdade corria meia dúzia de metros mais para dentro. No início do século XX não lhe era atribuído grande valor, sendo utilizada como suporte para publicidade. Em 1906, aquela parede estava coberta de anúncios, Em cima, um da loja Neves e C.^a, da rua de Gil Vicente. Em 1924, a face visível da torre foi ocupada por um enorme anúncio da Vacuum Oil Company.

Em 1934, a Câmara pediu autorização ao proprietário da Torre da Alfândega para acrescentar ao muro algumas fiadas de pedras e meia dúzia de merlões para sugerir as antigas ameias da velha torre, que foi erguida até à cota do edifício com que confronta pelo lado do Nascente. Por essa altura, foi retirada a cal que rebocava a parede. Acabava a torre como painel para afixação de publicidade e a torre recuperava parte da sua antiga dignidade. Essa intervenção foi notada no pregão das festas nicolinhas daquele ano, escrito por Jerónimo de Almeida:

Já vejo desnudar as pedras da Muralha Que, junto do Toural, ostentavam anúncios, Como se fosse o véu de uma triste mortalha Indicando os fatais e tremendos prenúncios

Duma grande batalha!
A partir da década de 1960, o que sobra da única torre da cerca de muralhas medieval de Guimarães que sobreviveu até aos nossos dias, ganhou particular simbolismo no quadro da identidade de Guimarães associada à fundação da nacionalidade, coma afixação nas suas pedras da inscrição Aqui Nasceu Portugal.



Entretanto, em 1924, o proprietário deste conjunto de imóveis passou a ser o Dr. Fernando Gilberto Pereira. Mais tarde seriam titulares desta propriedade Joaquim Fernandes Marques e a sua esposa

Maria Amélia Coutinho Marques. Após a morte de ambos, seria transmitida em herança aos seus filhos, que em 12 de Agosto de 2014 a venderam à empresa Marvalu - Investimentos e Gestão Imobiliária, S.A., de Domingos Machado Mendes, residente em Joane, Vila Nova de Famalicão, a quem hoje pertence, não obstante algumas dúvidas que têm sido levantadas. Na escritura referente a esta última transmissão de propriedade, a identificação do imóvel em questão é susceptível de gerar algumas dúvidas. No entanto, pelo que tem sido tornado público, não restarão muitas dúvidas de que se trata do imóvel que integra a Torre da Alfândega, e cujos inquilinos pagam agora renda à empresa interveniente na transacção como compradora.

A Câmara Municipal de Guimarães, como facilmente qualquer pessoa poderá comprovar, se algum dia teve dúvidas acerca de quem seria o proprietário da Torre da Alfândega, assim como do respectivo muro voltado a Sul, já as terá dissipado em 1934. Em reunião da vereação realizada no dia 8 de Novembro desse ano, como se lê na respectiva acta, que o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta disponibiliza na sua página da internet, a edilidade vimaranense deliberou:

- Solicitar ao Senhor Doutor Fernando Gilberto Pereira autorização para no pano de muralhas que possui no Largo Vinte e Oito de Maio, fazer as seguintes obras: - Elevar três ou quatro fiadas o referido muro, assentando sobre ele oito ou nove ameias de pedra.

- Que obtida a necessária autorização, o proprietário referido não aliena nem renuncia por tal motivo o seu direito sobre o citado pano de muralha, pertencendo-lhe as melhorias ali feitas.

O consentimento solicitado seria concedido, como consta da acta da reunião da Câmara de 22 do mesmo mês, onde se informa ter sido recebida comunicação Do Doutor Fernando Gilberto Pereira a

2ª) MORADA de CASAS,
situada na Rua do Anjo, freguesia de S. Paio, desta cidade, com o número de policia 33. Este prédio, conjuntamente com os prédios n.º 6.494 e 29.769, formam hoje um só prédio, que se compõe de uma morada de casas de três andares em parte e, em parte, de um só andar, com os n.º 6, 8, 10 e 12 de policia, e também faz frente para a Rua do Anjo, para onde tem os n.º 33, 35, 37 e 39 de policia, e do qual fazia e faz parte a antiga muralha da cidade. Este prédio era, antigamente, constituído por três moradas de casas, que formam hoje um só prédio. Está descrito na conservatória do registo predial no Livro B-23, a fls. 88, sob o n.º 6.493, e inscrito na matriz urbana sob o art. 332.
Neste prédio está imposto o onus real que consiste no loro anual de 5855, com laudêmio de quarentena, registado a favor de José Duarte Soares, sol-

05 - Recorte do anúncio da hasta pública de 2 de Abril de 1960

informar, em resposta ao nosso ofício n.º 450 de dezassete do corrente, que tem a maior satisfação em conceder a autorização no mesmo pedida.

Em 1936, o prédio foi vendido ao negociante Manuel Fernandes Braga, que o manteria até 1960, ano em que foi adquirido por Joaquim Fernandes Marques, em hasta pública decorrente de declaração de insolvência do anterior proprietário.

Nas suas três últimas transacções [1936, 1960 e 2014], este imóvel, que vai do n.º 6 da rua Dr. Avelino Germano ao n.º 33 da rua do Anjo, aparece referenciado com um único número de registo matricial. Em 1960 era o n.º 332, como se percebe da leitura do anúncio da hasta pública em que foi vendido no dia 2 de Abril de 1960, em que aparece como descrita como uma morada de casas, *situada na Rua do Anjo, freguesia de S. Paio, desta cidade, com o número de policia 33. Este prédio, conjuntamente com os prédios números 6.494 e 29.769, formam hoje um só prédio, que se compõe de uma morada de casas de três andares em parte e, em parte, de um só andar, com os números 6, 8, 10 e 12 de policia, e também faz frente para a Rua do Anjo, para onde tem os números 33, 35, 37 e 39 de policia, e do qual fazia e faz parte a antiga muralha da cidade. Este prédio era, antigamente, constituído por três moradas de casas, que formam hoje um só prédio. Está descrito na conservatória do registo predial no Livro B-23, a fls. 88, sob o n.º 6.493, e inscrito na matriz urbana sob o art.º 332.*

Foi este imóvel correspondente a esta que foi adquirido por Joaquim Fernandes Marques em 1960 e vendido pelos seus herdeiros em 2014. Tem sido muito falado nos últimos dias porque inclui a última torre da antiga cerca amuralhada de Guimarães, a Torre da Alfândega. ●

António Amaro das Neves
(Blogue Memórias de Araduca)

RECORTES DE PORTUGAL E DO MUNDO
NUMA MALA DE VIAGEM VIMARANENSE

UZ: A ALDEIA QUE BRILHA E SEDUZ

TEXTO: COTIKOS • FOTOGRAFIAS: COTIKOS / DIREITOS RESERVADOS



facebook.com/cotikos

NASCIDA DE UM AMOR FUGAZ ENTRE O MINHO E TRÁS-OS-MONTES, DE SEMBLANTE DOCE E TEMPERAMENTO AGRESTE, A UZ CORREU PELO TEMPO COM A TRADIÇÃO NA ALGIBEIRA. REBELDE, NUM BOICOTE ÀS URNAS, ENCANTADORA NO CINEMA, VAI QUERER CONHECER ESTA ALMA GENUÍNA, QUE QUASE MORA NO TETO DE CABECEIRAS DE BASTO.

À medida que o carro sobe e avança pela estrada sinuosa, a envolvimento natural e a força da vida a despontar nas flores do monte, prendem o olhar. É já no topo, com vista privilegiada para a Senhora da Graça, que vive a Uz. Em redor, o Gerês, o Marão, o Larouco e o Alvão, são algumas das serras que tornam grandiosa a paisagem circundante. Ao primeiro contacto percebe-se, de imediato, a luminosidade própria deste local, e as pinturas da primavera realçam, ainda mais, este brilho tão cândido.

Esvaziada pela emigração, nesta aldeia da freguesia de Vilar de Cunhas [Cabeceiras de Basto] vivem, atualmente, cerca de cinquenta pessoas – tendo a anciã falecido recentemente, com 96 anos de idade. É apenas por altura do verão, ou festividades religiosas e tradicionais, que se torna mais populosa.

Durante a sua visita, vai apreciar a boa conversa com os aldeões, gente pura e prestimosa, que mistura o português arcaico com barrosão e galaico-portu-

guês. Talvez o isolamento geográfico e a fraca expressão televisiva sejam os responsáveis pela preservação deste património linguístico.

A pastorícia é a principal atividade da região – é a aldeia do concelho com maior produção de gado barrosão e cabra bravia -, mas também se cultiva a batata, o centeio e o milho. Aqui ainda está enraizado o hábito de produzir em quantidade suficiente para partilhar com os familiares da cidade e do estrangeiro.





Nesta estação do ano ocorrem algumas plantações, mas é no verão e no outono o período de maior lida, com as cegadas, as malhadas e desfolhadas. No inverno, ainda poderá participar na matança do porco e preparação do fumeiro.

Há cerca de vinte anos, a inexistência de estrada alcatroada para a aldeia motivou um boicote às urnas. A Uz foi também a protagonista do filme que marcou a estreia de João Pedro Plácido como realizador. A homenagem que prestou ao lugar do qual é filho, valeu-lhe o Prémio de Melhor Longa-metragem Portuguesa no

Doclisboa de 2014. O filme chegou às salas de cinema portuguesas depois de passar por vários festivais em Portugal e no resto da Europa.

Passeie pelos montes, campos ou ruas empedradas e orladas de casas em granito. Deixe-se levar pela paisagem, até onde a vista alcança.

Se visitar a aldeia por ocasião de eventos festivos ou específicos, talvez consiga saborear uma deliciosa Feijoada no Pote, confeccionada de modo tradicional e com produtos locais. Existe apenas um café simpático

no lugar; para almoçar, pode recorrer a aldeias da vizinhança.

Nesta comunidade de agricultores, originalmente denominada Casal da Urzeira (crê-se que o nome surgiu de "Urze", planta predominante no local), respeitam-se os ritmos da natureza, e a existência é simples, difícil e especial. Vai perceber que, neste Portugal profundo e honesto, a tranquilidade que se opõe ao buliço citadino é o verdadeiro tesouro de quem lá habita. Ainda que não pareça, a seu modo e naquele contexto, a vida é de luxo. Porque não há dinheiro que compre a liberdade de alma que aqui se encontra. ●



1

INVISTA COM ELEVADA RENTABILIDADE

A AGÊNCIA COM MAIS CASAS VENDIDAS EM GUIMARÃES

253 488 800

Rua Teixeira de Rescoelos nº 614
Azurém - Guimarães - Portugal

go@remax.pt
www.remax.pt/go

RE/MAX® GO

ELASTIMAR - MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA, LDA. - AMI 8387

GUIMARÃES - QUINTÁ



30.000,00€

Morada para restauro em Creixomil - Guimarães
Área 100m²



30.000,00€

Morada T2
Vizela do Minho
Área 974m²



47.500,00€

Morada de gaveto
Candoso S. Martinho - Guimarães
Área 89 m²



55.000,00€

Apartamento T2+1
Ponte - Guimarães
Área 88 m²



89.500,00€

Apartamento T2
Azurém - Guimarães
Área 96 m²



125.000,00€

Apartamento T3
Azurém - Guimarães
Área 165m²



143.000,00€

Morada em banda T3
Ponte - Guimarães
Área 188 m²



240.000,00€

Morada T3
Barco - Guimarães
Área 840 m²



297.500,00€

Morada T3 Sello São Lourenço e Geminhões - Guimarães
Área 2280m²



320.000,00€

Morada T3
Creixomil - Guimarães
Área 154m²



450.000,00€

Quinta T8 Briteiros Santo Estevão e Donim, Guimarães
Área 390 m²



550.000,00€

Quinta Pencilo, Guimarães
Área 115.565m²

MARQUE ENTREVISTA
253 488 800 | 917 813 001



6 RAZÕES PARA SE JUNTAR À RE/MAX® GO

- 1 - Agência que vende mais casas em Guimarães
- 2 - Elevadas remunerações
- 3 - Formação especializada
- 4 - Inicie hoje, com 60.000 imóveis para vender
- 5 - Seja dono do seu negócio, numa marca líder a nível mundial
- 6 - Seja dono do seu tempo, faça a gestão do seu horário de trabalho



RECRUTAMOS COMERCIAIS



Envie CV para: go@remax.pt

DESENVOLVER O PENSAMENTO ENQUANTO SE BRINCA COM ROBÔS

TEXTO: CATARINA CASTRO ABREU • FOTOGRAFIAS: CCA / MAIS GUIMARÃES



Março foi a data para mais uma edição da Roboparty. O pavilhão de Azurém da Universidade do Minho está cheio. Dezenas de jovens circundam peças avulsas e máquinas de soldar. Em breve surgirão robôs que entram em competição – dança e obstáculos. Uma das equipas é composta por Susana e Celso que estão ali para ajudar a Ana, na sua prova de aptidão profissional. Estudam em Vilela, Paredes, em gestão e programação de sistemas informáticos. Estão num curso profissional mas pretendem seguir para o ensino superior, quem sabe na Universidade do Minho onde agora constroem este robô.

Competem todos contra todos independentemente das idades: o 'hardware', digamos assim, do robô é o mesmo para todas as equipas. A diferença está na programação que cada uma insere na máquina. É isso que cria o diferencial que depois entra em competição.

Alberto Brochado, professor de Susana, Celso e Ana, é um apaixonado pela robótica. Tem um clube que reúne alunos desde o primeiro ano até ao

secundário. “Desenvolvemos neles o pensamento computacional, trabalhar para a solução de problemas, no pensamento abstrato”, diz, acrescentando que “num mundo mais tecnológico, com mais programação, é essencial esta capacidade de abstração”.

Ana Cunha, estudante do segundo ano de Electrónica na UMinho, é uma das dezenas de voluntários na Roboparty. Juntou a muita curiosidade com a vontade de tirar um curso com futuro, o que a levou para a UM. “Gosto de resolver problemas, em electrónica é tudo muito prático e percebemos como tudo funciona”, conta à Mais Guimarães. Apesar de, como qualquer menina, ter sido estimulada para brincados mais “reativos”, como é o caso de bonecas e loucinhas, sempre teve vontade de intervir, de mexer, de descobrir. Cresceu numa família ligada ao desporto mas foi na electrónica que encontrou a sua paixão. E reconhece que isso foi essencial no seu crescimento.

Já Francisco, João, Natan e António não ligam muito aos jornalistas que os cer-

cam – são os mais jovens competidores do Roboparty 2016 – porque estão focados nas instruções no computador a explicar como têm que construir o robô que vai entrar em competição. São os mais jovens participantes no evento – têm entre nove e 10 anos – e entusiasma-os o facto de poderem ficar a dormir no pavilhão: a 10.ª edição do Roboparty decorre 24 horas por dia em que os participantes trazem um saco cama e dormem no pavilhão.

Mas nem só de participantes portugueses se faz a Roboparty. De Bramming, Dinamarca, chega Mads Madsen com os seus quatro alunos adolescentes que participam no evento. Ao Mais Guimarães disse que conhece a iniciativa há alguns anos e que, sempre que pode, traz estudantes para participarem na festa dos robôs.

A Roboparty 2016 contou com um número recorde de inscrições: 144 equipas (quatro pessoas por equipa) vindas de Portugal, Brasil, Irlanda do Norte e Dinamarca, com mais de 700 pessoas envolvidas (576 participantes e mais de 120 voluntários/organização). ●

MULTIUSOS DE GUIMARÃES

2016 MINUTOS A NADAR

O Complexo de Piscinas de Guimarães acolhe, nos dias 9 e 10 de abril, a iniciativa 2016 minutos a nadar, uma atividade de resistência em que participam várias centenas de pessoas que criam uma cadeia ininterrupta de 2016 minutos em que a natação assume o papel principal.

A iniciativa contempla a realização atividades complementares como "16 horas a correr, pedalar e remar", Open Masters de Pólo Aquático, Hidro Night (hidroginástica, hidrobike e deepwater), encontro de escolas e de masters de natação, natação sincronizada, torneio de mini pólo aquático e uma jornada especial dos Jogos da Comunidade.

2016 minutos a nadar é aberto à participação de todos os interessados e as inscrições [gratuitas] devem ser efetuadas na receção do Complexo de Piscinas de Guimarães ou através do email piscinas@tempolive.pt.

MULTIUSOS DE GUIMARÃES

SARAU DE DANÇA E FITNESS

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS



O Multiusos de Guimarães acolhe no dia 23 de abril, a partir das 21h30, a quarta edição do Sarau de Dança e Fitness que contará com a participação de 15 instituições que promoverão os seus serviços e atividades, através de um espectáculo cheio de luz, som e muita energia.

As 15 instituições de Guimarães participantes estão ligadas à área da dança e do fitness e farão uma demonstração colectiva das suas performances.

Este ano participam as seguintes entidades: Aquabrito, As Razões do Corpo, Asas de Palco, Biba Mais, Companhia Mapa, Escola de Dança Flávia Portes, Estúdio Estela Novais, Ginásio Fun & Fit + Academia Ritmos, Grupo CEA, Habitus Gym, Health Club Corpo Perfeito, Paraíso Well Fitness Spa, RIOFIT - Fitness Club, Soul Kool | CAAA e Tempo Livre. ●

DESPORTO SOLIDÁRIO

III ERDAL SOLIDÁRIO A 1 DE MAIO

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Promover o desporto, escolar e de toda a comunidade, hábitos de vida saudáveis e apoio a projetos sociais são os objetivos do Trail Erdal Solidário. A iniciativa desportiva é organizada pela ERDAL e a junta de Freguesia de Urgezes, tendo ainda como parceiros a Câmara Municipal de Guimarães e da Freguesia da Costa. Depois de nos anos anteriores ter apoiado a Casa da Criança, o Trail Erdal Solidário apoiará este ano os Bombeiros Voluntário de Guimarães.

A ERDAL (Escolas de Referência de Desporto de Ar Livre) é uma associação escolar vimaranense sem fins lucrativos que deriva do interesse de 6 escolas na promoção de desportos ao ar livre: Agrupamento de Escolas João de Meira; Escola Secundária Martins Sarmiento; Agrupamento de Escolas Santos Simões; Escola Secundária Francisco de Holanda; Agrupamento de Escolas Fernando Távora e Colégio do Ave.

O III Erdal Urgezes Solidário é uma prova que percorre trilhos caminhos rurais e estradas do Concelho de Guimarães e é constituído por três eventos: trail longo (25km), trail curto (15km) e caminhada (7km). O Trail Longo e Trail Curto estão apenas abertos à participação de pessoas maiores de idade enquanto a Caminhada é aberta a menores, desde que acompanhados por um adulto. Para os dois percursos de trail há um custo de inscrição (9,5 euros para o mais longo e 8 euros para o mais curto) enquanto para a caminhada não é necessário desembolsar qualquer valor. A inscrição no III Erdal Urgezes Solidário, que poderá ser feita no site www.run4fun.pt, contempla cronometragem com chip, dorsal personalizado, seguro, 3 abastecimentos sólidos e líquidos, t-shirt técnica, lembrança Finisher, banhos, vale de 5 euros de desconto na PROZIS, sorteio de brindes e contribuição solidária de 1 euro para os Bombeiros Voluntários de Guimarães. ●



III TRAIL ERDAL URGEZES SOLIDÁRIO

DESPORTO - ATLETISMO

MANUEL MENDES PREPARA TAÇA DO MUNDO EM LONDRES

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS



A Taça do Mundo de Maratona IPC, em Londres, contará com a presença de Manuel Mendes, atleta do Vitória Sport Clube. Manuel Mendes vai competir na classe T46, vestindo as cores nacionais, estando a partida para a capital inglesa agendada para o dia 22 de abril.

Ricardo Ribas, treinador de Manuel Mendes, contou à Mais Guimarães que foi "com muito orgulho" que viu a mais recente conquista de Manuel na edição da Meia Maratona de Lisboa. O atleta do Vitória conseguiu bater o seu recorde pessoal com o tempo final de 01:14:43. "É sinal que o nosso trabalho está a ser muito bem feito, mas não é nada que me surpreenda pois já estava à espera dessa marca há mais tempo", acrescenta o treinador. Com este resultado, Manuel Mendes ficou ainda mais confiante para disputar a Taça do Mundo em Londres, o próximo grande desafio. Aponta ainda que "a preparação está a correr da melhor maneira possível. Temos tido tudo a ajudar, principalmente o patrão do Manel tem facilitado nos horários e tem sido muito importante para nós. Aproveito para lhe agradecer".

"Bater a própria marca por largos minutos e esperar pela classificação final que nos permita garantir os Jogos Olímpicos Rio16" são as expectativas que Ricardo e Manuel têm para a prestação na prova que decorre já neste mês. "Esperemos que o próximo grande desafio seja o Rio16 onde temos que aguardar pela sua seleção para representar Portugal. Pelo meio, algumas provas para o Manel representar o seu Vitória SC, de que ele tanto gosta", finaliza Ricardo. ●

Coleção Cerimónia 2016



Rua Teixeira Pascoas, n.475-4800-472 Espinho - Guimarães

Email: bonecarreal@loco.com.pt - www.facebook.com/bonecarreal.pt

Tel. 966 041 179